

**REGINA DE FÁTIMA TEIXEIRA FELISBERTO**

**TENHO UM DIPLOMA UNIVERSITÁRIO, MAS NÃO TENHO EMPREGO:  
HISTÓRIAS DE VIDA DE PESSOAS QUE VIVEM A EXPERIÊNCIA DO  
DESEMPREGO.**

**FLORIANÓPOLIS**

**2001**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**TENHO UM DIPLOMA UNIVERSITÁRIO, MAS NÃO TENHO EMPREGO:  
HISTÓRIAS DE VIDA DE PESSOAS QUE VIVEM A EXPERIÊNCIA DO  
DESEMPREGO.**

**Regina de Fátima Teixeira Felisberto**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**


**Centro de Filosofia e Ciências Humanas**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado**

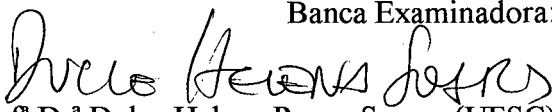
**TENHO UM DIPLOMA UNIVERSITÁRIO, MAS NÃO TENHO EMPREGO:  
HISTÓRIAS DE VIDA DE PESSOAS QUE VIVEM A EXPERIÊNCIA DO  
DESEMPREGO**

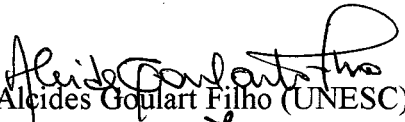
**Regina de Fátima Teixeira Felisberto**

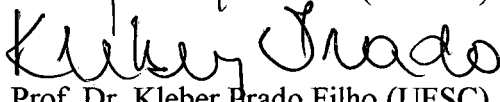
Dissertação defendida como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, Linha de Pesquisa Organizações Humanas, Trabalho e o Fenômeno das Representações Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

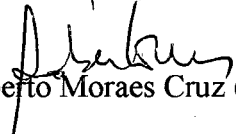
  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Juracy Toneli Siqueira  
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dulce Helena Penna Soares (UFSC)  
Orientadora

  
Prof. Dr. Alcides Goulart Filho (UNESC)

  
Prof. Dr. Kleber Prado Filho (UFSC)

  
Prof. Dr. Roberto Moraes Cruz (UFSC)

**APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM, 05/12/2001.**

Às duas pessoas que estão sendo fundamentais para a construção de minha história de vida, meu companheiro Nilzo e meu filho Gustavo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à professora, Dra. Dulce Helena Penna Soares por ter orientado esse trabalho.

À professora, Msc. Angela Cristina Back pela revisão.

Aos queridos José Paulo, Márcia e Júlia por terem me acolhido.

Aos meus informantes por terem contado suas histórias.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>v</b>
<b>SUMÁRIO .....</b>	<b>vi</b>
<b>LISTA DE QUADROS E TABELAS.....</b>	<b>vii</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS .....</b>	<b>viii</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>ix</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>x</b>
<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>xi</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 OBJETIVO DA PESQUISA .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 TRABALHO E ESCOLARIDADE .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO TRABALHO .....</b>	<b>18</b>

<b>2.1.2 NASCIMENTO DA ESCOLA/UNIVERSIDADE .....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 FORMAÇÃO PROFISSIONAL .....</b>	<b>24</b>
<b>2.3 EMPREGO E DESEMPREGO .....</b>	<b>29</b>
<b>2.4 O PROJETO PROFISSIONAL .....</b>	<b>36</b>
<b>3 MÉTODO .....</b>	<b>39</b>
<b>3.1 ESTUDO PILOTO .....</b>	<b>40</b>
<b>3.2 PERÍODO, LOCAL DE TRABALHO E ESCOLHA DA POPULAÇÃO .....</b>	<b>42</b>
<b>3.3 O METODO DE PESQUISA .....</b>	<b>44</b>
<b>3.4 A ENTREVISTA .....</b>	<b>46</b>
<b>3.5 A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA ORAL .....</b>	<b>49</b>
<b>4 RESULTADOS .....</b>	<b>52</b>
<b>4.1 SIGNIFICADOS DADOS PELOS INFORMANTES ÀS TEMÁTICAS ESTABELECIDAS....</b>	<b>53</b>
<b>5 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO .....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>71</b>
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....</b>	<b>73</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>75</b>

## **LISTA DE TABELAS E QUADROS**

**Tabela 1 – Distribuição das variações percentuais do desemprego entre os anos 1989 e 1999 (em %)**

**Tabela 2 – Distribuição das variações percentuais do desemprego relacionadas à escolaridade, entre os anos de 1989 e 1999 (em %)**

**Quadro 1 - Identificação dos sujeitos**

**Quadro 2 - Identificação dos informantes**



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**DIEESE- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS  
SÓCIO – ECONÔMICOS**

**ENEM - EXAME NACIONAL DE ENSINO MÉDIO**

**SAEM - SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO ENSINO MÉDIO**

**IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**

**INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA**

**OIT - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO**

**PED – PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO**

**PME – PESQUISA MENSAL DE EMPREGO**

**RAIS- RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS**

**SEADE- SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS**

**UNICAMP – UNIVERSIDADE DE CAMPINAS**

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi o de investigar como as pessoas compreendem e explicam a não possibilidade de desenvolverem seu projeto profissional a partir de sua formação universitária. Estudamos este fenômeno utilizando o método da história de vida de nossos informantes - a partir das palavras ditas, registramos a voz das pessoas e, por meio desta, sua vida e seu pensamento sobre a experiência do desemprego. Os resultados foram construídos a partir de duas modalidades: *temática e coletânea de narrativas*. A primeira (temática) parte de um assunto específico, e a segunda (coletânea de narrativas) possibilita a construção de uma interpretação histórica mais ampla, pois trata de temas comuns e se relacionam a este grupo social - desempregados com formação universitária. Entre as questões abordadas, temos: a *formação universitária* (escolhas, influências e importância dada à formação) e o *projeto profissional* (importância do trabalho, sentimentos vividos durante a experiência de desemprego e seu projeto futuro). Os informantes consideram fundamental a formação universitária para concretizarem seus projetos profissionais e sentem-se mais respeitados quando comparados a quem tem apenas o ensino médio. Os sentimentos vividos com a experiência do desemprego são negativos para a maioria. Entre eles, destaca-se a decepção consigo mesmo, o sentimento de inutilidade e a inferioridade, sentem-se vítimas do preconceito, deprimidos etc. Foram identificados três momentos vivenciados durante o desemprego: passam de vítimas a injustiçados e por fim tomam-se auto-confiantes para começarem novamente. Duas explicações foram dadas pelos informantes acerca do desemprego: a) o mercado local está com uma grande quantidade de mão-de-obra qualificada, incluindo pessoas com formação universitária, e b) as pessoas quando de sua formação não se dedicaram à busca de mais experiência e conhecimento, não estando, portanto, mais bem qualificados para o trabalho hoje. Concluímos que a experiência do desemprego proporciona uma desestruturação psicológica e social às pessoas, e o emprego traz o reconhecimento social e a segurança para si e para os seus.

## ABSTRACT

This study investigated how people understand and explain the possibility of to not develop their career project making use of their university degree. This phenomenon was studied taking into account the interviewees' histories— their voices were recorded when they told all about their lives and their thoughts concerning the experience of unemployment. Two modalities helped to accomplish the results: *theme and collection of narratives*. The first one (theme) regards a more specific subject, and the second one (collection of narratives) enables the construction of a wider historical interpretation, because it treats common subjects and they are linked to this social group – unemployed people with university degree. Among the topics approached, we see: the *university degree* (choices, influences and importance given to study) and the *career project* (the importance given to work, feelings experienced during the period of unemployment and their plans for the future). They consider the university degree essential for performing their plans and they feel more respectable when comparing themselves to those who have finished only high school. The majority of interviewees consider the feelings experienced with unemployment negative. Among these feelings, the more evident are self-deception, depression, the feeling of inutility, inferiority; they feel victims of prejudice, etc. When unemployed, they have gone through three moments: first they were victims, then they suffered injustices, and finally they became self-confident to start again. The interviewees pointed out two reasons for the existence of unemployment in the region: (1) the local market has a great amount of qualified labor force, including workers with university degree, and (2) most people did not seek more experience and knowledge after they had finished their university degree, so they are not well qualified for work nowadays. Concluding, the experience of unemployment causes a psychological and social breakdown, and employment brings social recognition and security for oneself and one's family.

## APRESENTAÇÃO

Minha vida, minha história...

Sou a caçula de uma grande família. Meu pai e minha mãe trabalharam desde muito cedo. Ainda criança, ele vendia laranjas para ajudar nas despesas de casa. Minha mãe por ser muito forte, desde menina trabalhava com meu avô, numa mina de carvão.

Quando eles casaram tomaram-se comerciantes. Primeiro tiveram um armazém, depois um açougue, transportavam gado e outras cargas com caminhões que adquiriram e por fim meu pai abriu um supermercado.

Meu pai era da opinião de constituir famílias numerosas para que os filhos trabalhassem e dessem continuidade aos negócios dos pais. Tiveram 15 filhos, 04 mulheres e 11 homens. Meus irmãos mais velhos acordavam muito cedo e trabalharam muito desde de pequenos. Eu fui uma privilegiada.

Quando fui para a escola, aos 7 anos, me destaquei nas atividades com música, trabalhos manuais e histórias contadas ou dramatizadas. Sempre fui muito falante, participava de tudo e quando estava no ginásio, adorava ser *monitora* nas séries iniciais.

Quando eu fiz 13 anos, tive que parar de estudar para trabalhar de caixa no supermercado, pois minha irmã, quatro anos mais velha que eu, já não estudava a

três anos e pediu para retomar seus estudos. Assumi a função dela no caixa, mas fiquei muito triste pois tive que sair da escola por um ano.

Em novembro de 1979, perdi meu pai. Foi um ano muito triste para nossa família. Nessa época muitos de meus irmãos já haviam casado e não trabalhavam mais no supermercado, exceto um deles que sempre esteve na gerência dos negócios e continuou por mais 3 anos.

Nunca tivemos muita vontade de trabalhar com comércio e convencemos minha mãe que o melhor seria vender o prédio. O dinheiro foi dividido, metade para minha mãe e a outra metade entre os irmãos.

Ao iniciar o Ensino Médio (antigo Segundo Grau), fui incentivada por meus professores a seguir a carreira do magistério. Me inscrevi como monitora das creches municipais e com quatorze anos assumi uma turma de crianças com três anos de idade. Contar histórias, dramatizar e fazer brincadeiras de roda era meu trabalho. Meus professores diziam que eu teria um futuro de muitas conquistas.

Aos quinze conheci meu companheiro, e nos dois anos que se seguiram, enquanto meus amigos iniciavam sua trajetória universitária, nós juntamos um dinheiro, compramos uma casa, casamos e tivemos nosso filho. Nessa época participávamos de grupos de jovens e ingressamos no movimento estudantil secundarista em busca de melhor qualidade no ensino público. Trocamos a bíblia e as missas da juventude, por livros que falavam sobre comunismo e socialismo e reuniões na garagem de minha casa.

Quando terminei o magistério, fui convidada para trabalhar como professora da rede pública municipal, na alfabetização de crianças. Além de contar história tinha a tarefa de ensinar a ler, escrever e contar. Fiz isso durante nove anos com muita alegria, através de muitas brincadeiras sempre contando muitas histórias. Quando meus amigos (aqueles que iniciaram sua carreira universitária, enquanto eu construía uma família) resolveram constituir suas famílias, vendemos nossa casa (único bem material que tínhamos) e começamos nosso curso universitário. O dinheiro da casa, era para pagar a faculdade que freqüentávamos.

Ingressei no curso de Psicologia, por entender que compreender o comportamento humano era uma coisa fabulosa. Eu tinha vinte e quatro anos e

sabia o que queria. Queria ser uma profissional capaz de contribuir com os projetos de vida das pessoas, para que elas conquistassem uma vida melhor.

Consegui trabalhar e estudar até o terceiro ano do curso. Precisei parar de trabalhar, pois o curso exigia uma dedicação maior.

Meu companheiro não conseguia pagar todas as despesas e trancou sua faculdade. Decidimos que eu deveria continuar meus estudos, pois meu projeto profissional era o melhor naquele momento, e para que ele se concretizasse, o curso universitário precisava ser concluído.

Antes de estar formada, em novembro de 1995 (me formaria em janeiro do ano seguinte) eu já havia recebido uma proposta para atuar como psicóloga do trabalho. Trabalhei durante um ano e fui demitida sem explicação.

Fiquei um período de seis meses sub empregada (vendia semi-jóias), mas logo em seguida fui chamada para desenvolver projetos de qualificação profissional na universidade de minha cidade. Desse período até hoje, meu projeto profissional tem se consolidado a cada dia que passa.

No último ano, tivemos que lidar com o desemprego de meu companheiro e graças a minha formação, pudemos continuar levando a vida. Hoje ao estar escrevendo minha dissertação no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, tenho certeza que toda a história que vivemos contribuiu para que cada pedaço desse trabalho fosse construído. Tudo que deixamos de ter, foi em função desse projeto que optamos, o projeto de ser. E não é a toa que mais uma vez me encontro contando histórias...

E vou continuar contando, agora as histórias de meus informantes. Através dessas histórias de vida, tratarei de uma experiência vivida de forma diferente por pessoas com formação universitária: o desemprego.

Vários são os aspectos que poderiam ser estudados com relação a esta situação de vida, mas o recorte que daremos será no que diz respeito ao projeto profissional e a formação universitária.

## 1 INTRODUÇÃO

O número de desempregados no Brasil é o maior dos últimos tempos segundo os dados do PED/SEAD/DIEESE (1989-1999). A falta de crescimento econômico do país, impede a geração de mais empregos, o que faz com que o mercado tenha a disposição pessoas desempregadas qualificadas e também com maior escolaridade. Apesar de ser um privilégio para a maioria, o curso universitário amplia os horizontes, o que faz com que cada vez mais pessoas ingressem numa universidade.

As pessoas que conseguem superar esse obstáculo sentem-se vitoriosas, pois tem a esperança de conquistarem um bom emprego no futuro, na área para a qual se prepararam. Sabemos que diploma na mão não garante emprego a ninguém, mas não podemos deixar de destacar a importância da formação universitária como uma possibilidade a mais para concretizar nosso projeto profissional.

Não temos pesquisas que abordem a situação da pessoa com formação universitária e poucos são os dados que estabelecem a relação entre essa formação e o projeto profissional, ou que revelem a importância que essas pessoas dão à formação universitária quando pensam em seu futuro profissional. Esse é um motivo para realizar essa pesquisa.

São vários os métodos que temos para compreender o significado que as pessoas dão às experiências que vivem. Um deles consiste em obter, através das falas dos informantes, o resgate de suas histórias de vida. Optamos pelo método história oral (ou história de vida contada de forma oral), baseado nos estudos de Meihy (1996) e Thompson (1992). A partir de um roteiro de entrevista solicitamos

que os informantes relatassem suas histórias de vida desde o primeiro emprego, falando sobre a formação escolar, o momento atual que estão vivendo (situação de desemprego) e projeto para o futuro.

Esta pesquisa tratará da experiência de desemprego a partir de dois temas relacionados ao trabalho: a) Formação universitária e, b) projeto profissional. Os temas respondem a seguinte questão de estudo: **O que significa estar desempregado para as pessoas com curso universitário?**

### **1.1 Objetivo da pesquisa**

Analisar como as pessoas compreendem e explicam o fato de não desenvolverem seus projetos profissionais a partir da formação universitária.

### **1.2 Estrutura da dissertação**

Esse trabalho está dividido em cinco partes. **Introdução** onde delimitamos o problema de pesquisa, o objetivo da pesquisa e indicamos o método. O segundo capítulo é composto pela **Revisão de literatura**, onde buscamos alguns teóricos e a compreensão deles com relação a fatos sobre a história do trabalho, o nascimento da escola e da universidade, o (des) emprego e as conseqüências psicossociais relacionando esses temas com o projeto profissional. O terceiro capítulo trata dos **Metodologia** utilizada na pesquisa.

No quarto capítulo, descrevemos os **Resultados**, resgatando as histórias de vida dos informantes desde sua inserção no mercado de trabalho, os projetos profissionais de cada um, sua formação universitária, seus sentimentos quanto ao fenômeno vivido - o desemprego e o que esperam do futuro.

O quinto capítulo compõem-se da **Discussão e Conclusão**. É nesse capítulo que indicamos as possibilidades que essa pesquisa aponta, ao respondermos a pergunta: **O que significa estar desempregado para as pessoas com curso universitário?**



## 2 REVISÃO DA LITERATURA

O homem se humilha, se castram seus sonhos, seu sonho é sua vida e sua vida é o trabalho. Sem o seu trabalho o homem não tem honra, e sem a sua honra se morre se mata. Não dá pra ser feliz, não dá pra ser feliz, não dá pra ser feliz... (Luiz Gonzaga Junior, 1983)

Por entendermos que o trabalho é central na vida do homem, buscamos estudar sobre o contexto psico-sócio-econômico onde ele vive, onde estabelece relações, pois não há homens em si, apenas homens-em-relação, e o trabalho é uma forma de estabelecer relações com o outro.

Esse foi o motivo de utilizarmos os estudos de autores que discutem questões relacionadas ao trabalho numa perspectiva psicossocial. Nos referimos à Álvaro, Garrido e Torregrossa (1996), cuja principal discussão é a multifuncionalidade do emprego.

Os autores escolhidos para abordar qual a importância do trabalho na vida das pessoas foram Marx (1969), Martin-Baró (1983) e Medá (1995). Marx (1969) por entendermos que não podemos falar de trabalho sem citá-lo e os outros autores pela congruência dos discursos.

A relação entre formação (como processo educativo) e projeto profissional (incluindo projeto de vida) está baseada nos estudos de Minogue (1981), Laing & Cooper (1982), Bohoslavsky (1996), Saviani (1997), Cattani (1997) e Soares (1997).

Por fim, buscamos um dos principais estudiosos no país hoje, sobre o desemprego, Pochmann (1999, 2000), que desenvolveu pesquisas que traçam o perfil do desempregado.

## 2.1 Trabalho e escolaridade

Do ponto de vista social, entendemos que o trabalho é uma das atividades mais importante para a organização da vida do homem. Primeiramente porque a vida da pessoa se articula em função do trabalho e ela dedica uma boa parte de sua vida preparando-se para o mercado de trabalho, principalmente no período escolar. Nessa preparação inclui-se a especialização em uma área e/ ou atualização, por meio dos cursos técnicos, universitários e outros para aperfeiçoar os conhecimentos.

Envolvido com uma atividade profissional, a pessoa determina qual o lugar que irá morar, a organização de seu tempo, a distribuição de outras atividades como o lazer, o descanso, tudo de acordo com as exigências de seu trabalho. Desta maneira, o trabalho se constitui o núcleo por meio da qual a pessoa organiza sua vida. É a prática no trabalho que determinará o caráter e o alcance de seu desenvolvimento.

As relações humanas na sociedade também são determinadas pelo trabalho pois estabelecem determinações fundamentais para a interação entre as pessoas. O trabalho constituirá o marco de referência para que a pessoa estabeleça suas aspirações e seu estilo de vida, percebendo sua própria identidade e a identidade das com quem se relaciona.

É a partir do trabalho que adquirimos uma perspectiva sobre o que somos e o que são os demais, sobre nossos desejos e nossos deveres sociais, sobre o mundo e nossa inserção nele.

Es, por fin, a través dei trabajo como el individuo va objetivando su ser plasmándolo en realizaciones, en éxitos y en fracasos, que le llevarán no solo a las alegrías y tristezas más importantes de su día tras día, sino, sobre todo, a la satisfacción o la insatisfacción consigo mismo, a su realización e a su frustración existencial. (Martin-Baró, 1983, p. 185)

Mediante a apropriação social do produto do trabalho, alguns adquirem poder para impor seus interesses, o que resulta na divisão social do trabalho em relação a propriedade e os meios de produção que separam a sociedade em grupos e classes contrapostas, determinando os perfis de patrão e empregado.

Tendo em vista que este estudo pretende verificar a relação da formação escolar com o projeto profissional, e que não podemos pensar em projeto profissional sem falar de trabalho, resgataremos alguns aspectos históricos do processo produtivo, incluindo o momento em que nossa sociedade iniciou o processo de venda da força de trabalho (capitalismo) e passando pelo nascimento das instituições escolares (escola e universidade), pois entendemos ser relevante para a compreensão dos significados dados às situações vividas pelas pessoas, que estão desempregadas.

### **2.1.1 Algumas considerações sobre a história do trabalho**

Quando o homem se fixa na terra, seu principal meio de produção, surge a propriedade privada, o que identifica que alguém tem a posse de um pedaço de terra. Este fato divide o homem em classes sociais, surgindo a figura dos proprietários e os não-proprietários. O fato de ser proprietário dava o direito de sobreviver sem ter que trabalhar. Os não proprietários assumiam o encargo de manter a si próprios e aos proprietários.

Com o início do processo de transformação que conduziu o deslocamento do processo produtivo do campo para a cidade, da agricultura para a indústria, constituiu-se um novo modo de produção capitalista. No primeiro momento histórico, o capital era definido pela posse de terra e no segundo momento, quando surge o comércio a partir do artesanato, o burguês inicia o acúmulo de capital e passa a investir na produção, originando-se assim a indústria. Ambas as situações (proprietários ou não e comércio) envolviam a força de trabalho. É instaurado o regime capitalista e com ele o momento pelo qual a força de trabalho começa a ser vendida, indicando o surgimento dos primeiros empregos.

Quando nasce o capitalismo, nasce a exaltação ao trabalho, visto que a origem do capital passa pela compreensão de que teremos o capital, quando encontrarmos uma mercadoria que forneça mais dinheiro do que se gastou ao comprá-la. Uma mercadoria que em nossas mãos possa aumentar de valor, de tal modo que vendendo-a se possa ganhar mais dinheiro e obter lucro. Essa

mercadoria existe, a força de trabalho, que como valor de troca, tem seu valor determinado pelo tempo, socialmente necessário à sua reprodução.

O homem que acumulou riqueza quer fazer dessa riqueza um capital. Hoje, a única mercadoria que a maioria das pessoas tem é sua força de trabalho, que é vendida em partes, por um determinado tempo, um dia, um mês, um contrato de trabalho. Quando o produto final é vendido e depois que o proprietário paga suas contas referentes à matéria-prima, ao consumo dos meios de trabalho e à força do trabalho de quem a vendeu, obtém o lucro, temos então o capital. Marx (1969, p.10) diz,

[...] O capital pode ser definido como a propriedade que garante ao capitalista, explorar trabalho alheio. Se por um lado o capital cresce por si mesmo, de outro lado há uma relação social de espoliação do trabalhador (explorado) e do dono dos meios de produção (explorador).

O trabalho na idade média visava a subsistência, não existia a preocupação de acumular produção. Este fato é modificado com o surgimento do comércio, segundo o qual a riqueza era sinônimo de acúmulo de moeda, e, para acumulá-la, a alternativa era a exploração da mão de obra, que vinha do campo em busca de sobrevivência.

A cidade representava para as pessoas do campo, a oportunidade de crescer e ter uma vida melhor. A pessoa que tinha seu lugar na sociedade – o campo – garantida pela tradição, agora precisa de um emprego na cidade para continuar a ter seu lugar na sociedade, visto que ele só é merecedor de respeito e reconhecimento se desempenhar funções necessárias ao capitalismo, trabalhando ou explorando o trabalho de outros, só assim estaria incluído socialmente.

A época moderna se caracterizou por um processo de produção baseado na indústria urbana. Os trabalhadores foram considerados donos da sua força de trabalho, vendendo essa força mediante contrato.

Medá (1995, p.9-10) afirma que "(...) nossas sociedades se baseiam no trabalho [...] é o principal meio de custear a subsistência individual [...] constitui uma relação social e [...] representa a via pela qual se alcança a abundância".

As possibilidades que o trabalho oferece ao homem faz com que ele se utilize do trabalho num primeiro momento para sua subsistência, e num segundo momento para a sua inclusão social.

As questões levantadas por Medá (1995) e Marx (1969) dão importância ao papel do trabalho na vida pessoa, ou seja, na centralidade do trabalho. Medá (1995, p.20) resgata o marxismo, afirmando que o trabalho é central na vida do homem quando diz,

O pensamento marxista, por diverso que seja, mantém a idéia da centralidade do trabalho enquanto atividade constitutiva da essência do homem (...) o trabalho (...) se constitui de criatividade, invenção e luta contra as necessidades, que lhe confere sua dupla dimensão de sofrimento e realização pessoal.

Desenvolver um trabalho para a pessoa não significa apenas ter satisfeitas suas necessidades materiais, “[...] tem o propósito de produzir o que satisfará não só as necessidades materiais, mas também os desejos individuais e coletivos” , diz Medá (1995, p.22).

### 2.1.2 O nascimento da escola/universidade

A discussão sobre a relação entre trabalho e educação tem sido feita por diversos setores da sociedade e de diferentes maneiras.

Dois posições se apresentam nos meios acadêmicos. Uma que considera a educação apenas em termos gerais, fazendo ou não referência 'a formação profissional', com a possibilidade de um sistema dualista com a formação geral desvinculada da formação profissional; e uma segunda que concebe uma escola única com articulação entre a educação geral e a formação profissional.

Com o propósito de compreender a construção dessas posições, convidamos os leitores a resgatar as origens da educação fazendo então a relação com o trabalho.

O 'comunismo primitivo' era o modo de produção que prevalecia no início da sociedade antiga. As pessoas produziam sua existência em comum e, nesse processo, educavam-se a si mesmos e educavam as novas gerações. A educação coincidia com o processo de trabalho. Saviani (1997, p. 81) diz que “O fato de uma parte dos homens se apropriarem privadamente da terra dá a eles a condição de poder sobreviver sem trabalhar [...]. Nesse sentido, surge uma classe ociosa, ou seja, uma classe que não precisa trabalhar para viver: ela vive do trabalho alheio”.

É para essa classe que vive do trabalho alheio, que surge a escola. No grego significa 'o lugar do ócio'. Esse era o local onde as pessoas disputavam o ócio praticando jogos, ou seja, local de exercícios físicos como lazer, ou o ginásio. A educação dessa classe de proprietários era chamada 'educação escolar'. Em contrapartida, a 'educação geral', da maioria, acontecia no próprio processo de trabalho, ou seja, o aprender fazendo.

Na Idade Média, algumas características da sociedade antiga persistem, ou seja, quem dominava a produção eram os donos das terras, e a agricultura era a forma econômica de adquirir bens. A diferença estava na forma de trabalho, que não era mais escravo e sim servil. Nesse período surgem as escolas paroquiais, catedralícias e monarcais, destinadas à educação da classe dominante. As atividades desenvolvidas nestas escolas, ainda como na antiguidade, eram para ocupar-se do ócio. A classe dominada continuava seu processo educativo através do trabalho.

O campo era a maior fonte de produção, mas existiam núcleos subordinados ao campo, onde se desenvolvia o artesanato, que produzia instrumentos rudimentares demandados pela própria vida no campo. Essa produção começou a ser distribuída, primeiramente por meio das feiras de troca, que aos poucos cresceram e deram origem aos grandes mercados que foram ocupando espaço. Estes espaços, posteriormente chamados de cidade, formam na época moderna, o eixo do processo produtivo.

A agricultura fica subordinada a indústria, e a sociedade capitalista tende a se mecanizar. A sociedade moderna tira do homem o vínculo com a terra e o considera proprietário da força de trabalho com a possibilidade de vendê-la para o trabalho na indústria. É a partir desse resgate histórico que podemos compreender a relação da educação e da escola com o trabalho.

A escola é uma agência educativa ligada às necessidades do progresso, às necessidades dos hábitos civilizados, que correspondem à vida na cidade. Sua universalização permitiu a familiarização com os códigos formais (letras e números), capacitando os trabalhadores a integrarem-se no processo produtivo. Além do trabalho de operar a máquina, eram necessários a manutenção, os reparos e os ajustes. Torna-se imprescindível a qualificação específica, obtida a partir do preparo intelectual, por meio dos cursos profissionais, tendo como referência o padrão escolar, mas determinado pelas necessidades do processo produtivo.

O sistema de ensino se divide entre a escola de formação geral e as escolas profissionais. Como nos diz Saviani (1997, p. 87),

[...] as escolas de formação geral [...] tendem a enfatizar as qualificações gerais (intelectuais) em detrimento da qualificação específica, ao passo que os cursos profissionalizantes, diretamente ligados à produção, enfatizam os aspectos operacionais vinculados ao exercício de tarefa específica (intelectuais manuais) no processo produtivo [...].

Entendemos que um dos meios pelos quais o indivíduo objetiva suas realizações, êxitos e fracassos, é por meio do trabalho que o levará não só a ter alegrias e tristezas, mas também a satisfação e insatisfação consigo mesmo.

A universidade é uma das possibilidades de formação profissional. Minogue (1981) fala da origem da universidade e como ela se transformou no espaço de preparação para o trabalho mais qualificado. Segundo ele, a universidade nasceu em solo de escolas religiosas, onde grupos de estudiosos no século XII, por meio de um conjunto de esforços intelectuais fundaram um estabelecimento, o qual denominaram *studia generalia*, que era local de aprendizagem, e por causa da fama de seus professores, atraíam vários estudantes. As cidades de Paris e Bolonha tornaram-se centros modelos para fundações posteriores.

Os professores de Paris e os estudantes de Bolonha resolveram se agrupar numa corporação legal, e adotaram o termo *Universitas*, termo esse que poderia ser utilizado por qualquer espécie de associação legal. Por volta do fim da Idade Média, esse termo já estava começando a ser restrito ao que denominamos hoje Universidade.

Em 1224, várias universidades estavam bem sedimentadas, Oxford, Nápoles, e Toulouse são exemplos. Jovens intelectuais, de todas as camadas da sociedade, estudavam e, depois de formados, ocupavam posições importantes na igreja e na administração dos reinos. Os poderes da Universidade, da Igreja e do Estado foram colocados lado a lado como forças coordenadas da sociedade da época, por escritores medievais.

As universidades proporcionavam um tipo de treinamento que podia transformar um homem no mesmo tipo de mestre acadêmico que os seus professores, mas a maioria não tinha ambição para a atividade acadêmica. Os homens estudavam, e assim como homens educados, buscavam sua sorte, em

qualquer que fosse o meio que as circunstâncias e suas próprias capacidades pudessem indicar. Saíam em busca de um futuro.

No Brasil, após a vinda da corte portuguesa, em 1808, deu-se início a constituição do primeiro núcleo de ensino superior no Brasil<sup>1</sup>. O ensino superior só veio a adquirir cunho universitário por volta de 1930, contrastando com a realidade de alguns países da Espanha, que tiveram suas primeiras universidades ainda no período colonial. Como exemplo temos o México, que em 1553, contava com sua primeira universidade.

Segundo Saviani (1997, p. 81), “[...] a partir da década de sessenta [...] a educação passa a ser entendida como algo não meramente ornamental, mas decisivo para o desenvolvimento econômico. Postula-se, assim, uma estreita ligação entre educação (escola) e trabalho”.

Até o século XX, o modelo de ensino superior foi o da formação para as profissões liberais tradicionais, como o Direito, Medicina e as Engenharias, mas nenhum com status de universidade.

A primeira universidade criada no Brasil, segundo Cunha citado por Lopes, E.M.T; Faria Filho, L.M; Veyga, C.G (2000), foi em Manaus, no estado do Amazonas, em 1909. Esse foi o período de prosperidade devido a exportação da borracha. Essa universidade oferecia cursos de Engenharia, Direito, Medicina, Odontologia, Farmácia e de formação de oficiais da Guarda Nacional. Em 1926 esgotou-se a atividade econômica da borracha e com ela o fim da instituição restando apenas a Faculdade de Direito, incorporada em 1962 à Universidade Federal do Amazonas.

Após essa tentativa de consolidação do ensino superior do Brasil, surge a Universidade do Rio de Janeiro com status de universidade, criada em 1920, a partir da autorização legal conferida pelo presidente da República por meio do Congresso Nacional (Lopes E. et al, 2000).

---

<sup>1</sup> Nesse ano são criadas as escolas de Cirurgia e Anatomia, em Salvador (hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia), e de Anatomia e Cirurgia do Rio de Janeiro (hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e a Academia da Guarda da Marinha, também no Rio. Em 1810, é fundada a Academia Real Militar, hoje Escola Nacional de Engenharias da



## 2.2 Formação profissional

Quando falamos de formação profissional, de uma maneira mais geral, estamos falando de todos os processos educativos que permitem às pessoas adquirirem conhecimentos teóricos, operacionais e técnicos e desenvolver esses conhecimentos. Esses conhecimentos estão relacionados à produção de bens e serviços e podem ser desenvolvidos nas empresas ou nas escolas.

Esse processo educativo – formação profissional – está associada às necessidades definidas, na maioria das vezes, pelo mercado de trabalho, ou pelas empresas que compõem esse mercado. Se tivermos um olhar taylorista-fordista, essa formação profissional terá um caráter de adestramento e de adaptação da pessoa que produz. Outro entendimento sobre formação profissional, que já superou a visão antes descrita é a formação como uma estratégia operacional na busca da qualidade e da produtividade. Nesse sentido a qualificação torna o trabalhador polivalente, absorvendo várias tarefas e responsabilidades.

Essas são as visões sob o ponto de vista do empresário, da pessoa de confiança do empresário que contrata e prepara os trabalhadores. Os trabalhadores entendem a formação profissional de maneira diferente, pois ela estaria associada às idéias de autonomia e de autovalorização, segundo Cattani (1997). Essa perspectiva contesta o sentido dado pelas outras, ou seja, educação ou a formação para o trabalho.

Cattani (1997, p. 94) descreve que “a formação profissional é uma expressão recente, criada para designar processos históricos que digam respeito à capacitação para e no trabalho, portanto a relação permanente entre o trabalhador e o processo de trabalho.”

Na época medieval, onde os produtores diretos eram submetidos a um rígido controle, tanto no que diz respeito à mobilidade física e profissional, quanto à aquisição e aplicação de novo saber técnico, tínhamos a hierarquia que ia do auxiliar, passava pelo aprendiz e terminava no mestre. Era uma divisão de trabalho e representava a nítida diferença na capacidade de executar determinada tarefa.

A situação da era medieval modificou-se, pois na busca de maiores lucros, o empresariado industrial reorganizou o trabalho coletivo, que antes era artesanal e manufatureiro, e mesmo persistindo na ampliação da divisão de trabalho, utilizou cada vez mais as máquinas.

No século XX, ao adotar os princípios tayloristas e fordistas, o capitalismo fez com que o conhecimento e a habilidade de quem produz fossem apropriados pelo capital e utilizados na sua valorização, fazendo do protagonista principal do processo de trabalho, o antigo mestre-artesão o que Marx chamou de 'apêndice da máquina', ou seja, de artífice passou a ser uma simples e descartável 'peça na engrenagem'. (Braverman, 1987).

Ao longo do século, em todos os países capitalistas, multiplicaram-se as iniciativas patronais que buscavam adaptar às escolas técnicas às necessidades dos seguimentos produtivos, criando-se liceus, centros de treinamento e oficinas de formação. A formação passa a ser assumida também pelas empresas se afastando cada vez mais da educação. Assume um caráter estritamente técnico, com instrução para o trabalho e com conteúdos limitados à disciplina e adequação dos indivíduos aos postos de trabalho.

Após a Segunda Guerra Mundial, houve várias tentativas, por parte das empresas, de superação dos limites impostos pelos modelos existentes e algumas correntes buscaram redefinir as formas da organização do trabalho. Um conjunto de inúmeras inovações nas organizações de trabalho (círculos de controle de qualidade, gestão participativa) exigiram redefinições das modalidades de formação profissional. No Brasil, o então presidente Getúlio Vargas transferiu o controle da formação profissional para entidades patronais. Foram criados dois organismos, o SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, em 1942 e o SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, em 1946.

O que se sabe é que apesar dos recursos que esses organismos tinham, "[...] essas entidades desenvolveram atividades de formação incipientes e voltadas para interesses localizados de alguns seguimentos da indústria e do comércio" (Cattani, 1997, p. 97-98).

O governo Brasileiro teve inúmeras iniciativas desconexas e parciais quanto a questão de formação profissional. Mesmo quando considerou que a implementação da Lei 5692 de 1971, subordinando todo segundo grau ao objetivo de preparação para o trabalho, seria inovadora e atenderia as demandas do

mercado. Essa lei apenas estabeleceu novamente a relação da educação com a preparação para o trabalho.

Segundo Cattani (1997, p. 98),

a lei do ensino profissionalizante revelou-se um desastre para as escolas públicas e um reforço para as escolas particulares, voltadas para um seguimento mais rico da população. Enquanto que as primeiras foram obrigadas a fornecer, de forma caótica e incipiente, um ensino preparatório ao trabalho, as segundas mantinham as habilitações mais qualificadas, que proporcionavam acesso ao ensino superior.

Hoje, os estudiosos nos apontam duas perspectivas para a abordagem da formação profissional. A primeira, já descrita, é considerada apenas na sua dimensão restrita, operacional, de preparação para o trabalho.

Nessa perspectiva, a formação profissional aparece como um subproduto do sistema educacional ou como um componente das estratégias empresarias no que concerne à adequação dos recursos humanos às necessidades pontuais e específicas (...) surge, ocasionalmente, como um antídoto para o desemprego. Em flagrante contradição com a lógica e a tendência do capitalismo, sustenta-se que, se os trabalhadores tivessem mais formação técnica, haveria emprego para todos (Cattani, 1997, p. 98-99).

Outra perspectiva, diz respeito à formação profissional, por um lado, ter a relevância teórica, relacionada ao tema educação e trabalho, a partir do questionamento sobre o papel condicionador da escola e sua produtividade ou improdutividade. De outro lado, o trabalho pode ser definido como um princípio que educa e liberta ou como fator que aliena e domestica, descreve Cattani (1997).

Atualmente algumas mudanças ocorreram na educação profissional do Brasil. A partir da Lei de Diretrizes e Base, de 1996,

[...] a estrutura da educação profissional passa a ser constituída pelos seguintes níveis: básico, que se destina à qualificação, requalificação e reprofissionalização de trabalhadores, independentemente da escolaridade prévia; técnico, destinado a proporcionar habilitação profissional a alunos egressos do ensino médio; e tecnológica, que corresponde aos cursos de nível superior na área tecnológica, destinados aos alunos oriundos do ensino médio e técnico. (Santos citado por Lopes E. et al, 2000, p 221-222)

A universidade é a possibilidade de estudar mais profundamente os conteúdos escolares necessários para a vida urbana, para o trabalho, para a cidadania e para uma melhor participação na vida política e social do país.

Muitas pessoas buscam a formação profissional por meio de um curso superior. Para se ter uma idéia do número de alunos que ingressaram nas universidades, o Censo da educação superior referente a 1999, divulgado pelo Ministério da Educação -INEP, diz que o número de alunos matriculados nos cursos de graduação das universidades brasileiras cresceu 11,8% em relação ao total referente ao ano de 1998.

Em 1999, tínhamos 2.377.715 (dois milhões, trezentos e setenta e sete mil, setecentos e quinze) estudantes universitários no país, o que representava 1,4 por cento da população estimada pelo IBGE (2000), em setembro deste ano que é de 166.562.953 (cento e sessenta e seis milhões, quinhentos e sessenta e dois mil, novecentos e cinqüenta e três) pessoas.

Em relação aos países subdesenvolvidos, o Brasil teve avanços significativos no que diz respeito ao ensino de pós-graduação, sem deixar, no entanto, de ter a característica de acesso restrito à formação universitária. Como nos afirma Pochmann (2000b, p.26-27)

[...] o ensino superior esteve sempre direcionado à formação de um segmento muito pequeno, não mais de 5% do total das matrículas no sistema educacional [...] Com isso, apenas 13% dos jovens entre 20 e 24 anos encontram-se na universidade, enquanto nas economias avançadas o indicador é, pelo menos, três vezes superior. O ensino universitário foi no passado e continua sendo no presente, uma possibilidade de acesso a uma restrita elite.

Informações do jornal O Estado de São Paulo (30/10/2001), confirmam os números de Pochmann (2000b) e informam que desses 13% que estão em universidades, dois terços estão em estabelecimentos privados e um terço, em estabelecimentos públicos.

Entendemos que a competência requerida para a formação do cidadão, não se limita ao conhecimento. É preciso que o indivíduo seja capaz de mobilizar conhecimentos, informações e até hábitos, para aplicá-los com capacidade de julgamento em situações reais e concretas, individualmente e com equipes de trabalho. Significa ainda, agir eficazmente diante do inesperado e do que não é habitual, superando a experiência acumulada, transformada em hábitos, e liberando o profissional para a criatividade e a atuação transformadora.

O censo de 1998, divulgado pelo INEP (fev, 2000), traz o número de instituições de ensino superior. São 57 (cinqüenta e sete) federais, 74 (setenta e

quatro) estaduais, 78 (setenta e oito) municipais e 764 (setecentas e sessenta e quatro) particulares, somando 973 (novecentas e setenta e três) instituições.

As universidades particulares se proliferam, mais extensões surgem a cada semestre e as formas de ingresso ao curso universitário se inovam (ENEM e SAEM), mas isso não é o suficiente para as pessoas que ingressem num curso universitário, ao concluírem, tenham a possibilidade de encontrar emprego em sua área de formação.

A realidade atual é diferente da passada, pois estar com o diploma nas mãos, hoje não garante emprego para ninguém. A relação estabelecida entre emprego e nível de qualificação da força de trabalho não encontra consenso na literatura especializada que trata do tema, quando se refere a busca do primeiro emprego do jovem.

Há, de fato, algumas evidências sobre a repercussão, a longo prazo, de que a formação profissional possa condicionar o acesso diferenciado ao posto de trabalho, bem como menor risco de desemprego imediato. Mas no contexto de baixa evolução da economia, e, por consequência, do emprego em relação à população economicamente ativa, o desempenho da educação termina auxiliando mais na elevação da concorrência no interior da classe trabalhadora, através da substituição, em determinados postos de trabalho, de pessoas com menos qualificação pelas de maior nível de formação (Pochmann, 2000b, p. 67).

Até o final dos anos 80, segundo Pochmann (1999), o desemprego estava concentrado em pessoas de baixa escolaridade, nas pessoas com pequenas experiências profissionais, nos negros e nas mulheres. Nos anos 90, o desemprego tem crescido muito mais para as pessoas com maior escolaridade, que têm nível superior. Mesmo com esse indicativo, a sociedade brasileira vê a universidade como uma instituição de formação profissional que proporciona mais oportunidade de inserção no mercado de trabalho. E por ser assim identificada, nossos jovens buscam no curso universitário essa possibilidade.

A relação entre o trabalho e a educação, embora seja uma temática polêmica, tem como ponto comum um pressuposto: “[...] a educação se estrutura e se organiza a partir do eixo do trabalho” (Tumolo, 1996, p. 39).

O trabalho foi, é, e continuará sendo o princípio educativo. Saviani (1996, p. 14) citado por Tumolo (1996, p. 43), resume os fundamentos conceituais da proposta do trabalho como princípio educativo quando afirma:

Na verdade, todo sistema educacional se estrutura a partir da questão do trabalho, pois o trabalho é a base da existência humana [...]. A sociedade se estrutura em função da maneira pela qual se organiza o processo de produção da existência humana, o processo de trabalho.

### 2.3 Emprego e desemprego

A educação é vista também como qualificadora da mão-de-obra (força de trabalho). Como já vimos anteriormente, na história do trabalho, só na época moderna o trabalhador é considerado proprietário de sua força de trabalho. É nesse sentido que Marx (1969) em *O Capital*, se refere à liberdade que a sociedade capitalista propõe. O trabalhador torna-se livre porque está desvinculado da terra e porque pode vender sua força de trabalho (aspecto positivo).

Marx & Engels (1848) dão um exemplo sobre o aspecto negativo do emprego quando afirmam, “De acuerdo com la visión marxista [...] resulta alienante cuando se desempeña en el marco de unas relaciones sociales de producción caracterizadas por la explotación de una clase por otra” (in: Álvaro et al, 1996, p. 100).

Temos, então, os aspectos positivos e negativos como alguns dos resultados da venda dessa força de trabalho, que daqui em diante será descrita como emprego. Álvaro et al (1996, p. 87) cita Jahoda (1982) e O' Brien (1986,1987), que definem emprego

[...] (dei latín implicare: comprometer a alguien en algo) constituye una modalidad particular sócio-históricamente determinada de trabajo, caracterizada por una relación jurídico-contractual, de carácter voluntário entre as partes: la contratada, que vende su tiempo, esfuerzo, habilidades y rendimientos de trabajo, y la contratante, que los compra, generalmente mediante dinero y ocasionalmente a cambio de bienes y/o servicios [...]

Então, o emprego reduz o trabalho ao estatuto de valor de troca, ou mercadoria, determinando que trabalho não seja um emprego, não é conteúdo da tarefa, sim o contexto (contratual ou não) no qual se desenvolve.

A literatura pesquisada permite que descrevamos alguns estudos realizadas a partir da década de setenta. Álvaro et al (1996, p. 101) esquematizou as funções

do emprego para o homem por meio dos estudos de vários autores, e aponta a multifuncionalidade do emprego, a partir de três funções: a função psicossocial, a função sócio-política e a função econômica.

Como função econômica, o emprego é a “via de acceso al circuito de la producción-distribución-consumo de bienes y servicios necesarios para la supervivencia material” (Álvaro et al, 1996, p. 101).

As funções sócio-políticas caracterizam-se pelo

[...] medio de integración de la ciudadanía en la vida social y política y modo de prevención de tensiones, conflictos y contradicciones derivables de la dualización y la exclusión sociales; factor de mantenimiento del Estado de Derecho, garante del ejercicio del derecho al trabajo y del deber de trabajar, soporte fundamental del Estado Social, redistribuidor del bienestar financiado por la actividad económica”, e por fim “ canalización dos recursos humanos de la comunidad para el desarrollo económico y social. (Álvaro et al, 1996, p. 101).

As funções psicossociais do emprego são definidas, quando o emprego é

instrumento para el logro de la autonomía financiera, social, ideológica y moral; organización del tiempo cotidiano; eje vertebrador de la actividad personal y familiar, de sus estructuras, ritmos, rutinas y rupturas; fuente de roles, estatus, poder, prestigio, reconocimiento e identidad sociales; contexto para la socialización secundaria y la consiguiente asunción personal de valores, normas y criterios morales organizacionales; oportunidad para la participación, afiliación e inserción en grupos laborales; percepción de utilidad social y de cumplimiento de un deber moral; aprendizaje y despliegue de conocimientos, destrezas y habilidades sociales y profesionales; entorno privilegiado para autorrealización profesional y la expresión personal; ocasión para el desarrollo de aspiraciones, expectativas, actitudes, conductas, proyectos y realizaciones profesionales” (Álvaro et al, 1996, p. 101).

Mesmo considerando de suma importância todas as funções aqui apresentadas, gostaríamos de chamar a atenção do leitor para as funções psicossociais que consideramos as que mais se relacionam com os resultados obtidos nessa pesquisa.

E quando não se tem emprego? Segundo a OIT (RAIS, 1990-1999), existem, no mundo, perto de oitocentos milhões de desempregados, o nível mais alto desde a Grande Depressão, nos anos 30 (trinta).

Somando-se os contingentes de desempregados e subempregados, em todo o mundo, chega-se perto de um bilhão de pessoas, o que significa, 30% (trinta por cento) de toda a força mundial de trabalho.

Dados do IBGE (2000) nos dão conta de que, no Brasil, existem aproximadamente 3 milhões de desempregados, entretanto este também é o número apresentado pelo DIEESE, apenas quando diz respeito as sete regiões metropolitanas, nas quais o órgão faz a pesquisa. Só em São Paulo, hoje, existem em torno de 1.500.000 (um milhão e quinhentos mil) trabalhadores desempregados.

Pochmann (2000), economista da Unicamp, “[...] avalia que a globalização está aumentando a concentração de desemprego em países pobres, incluindo o Brasil, e [...] questiona que os avanços tecnológicos seriam responsáveis pelo desemprego, já que os países mais afetados pelo problema são justamente os mais atrasados” (Correio Bancário, 01/02/2000a)”.

O desemprego atual é resultado de um complexo de causas, geradas em diversos níveis, desde o chão de fábrica ou da empresa até mudanças no regime de acumulação capitalista, passando por decisões de política econômica do governo. Ele é hoje, substancialmente diferente do conhecido em outras épocas, visto que não é fruto unicamente da crise econômica.

No Brasil dos anos noventa, foram abertos, anualmente, 951.400 (novecentos e cinquenta e um mil e quatrocentos) novos postos de trabalho, em média. Em contrapartida, 1.417.100 (um milhão, quatrocentos e dezessete mil e cem) pessoas ingressaram no mercado de trabalho a cada ano durante este período. Ou seja, o desemprego atingiu, em média, 465.700 (quatrocentos e sessenta e cinco mil e setecentas) pessoas ao ano (RAIS, 1990-1999).

Pochmann (2000b) se refere a diferença entre as vagas formais oferecidas por meio de postos de trabalho e o número de pessoas disponíveis para trabalhar. Essa diferença significa que muitas pessoas estão subempregadas ou desempregadas.

Em 1998, segundo Pochmann (2000b) o Brasil ocupava o quarto lugar no *ranking* mundial do desemprego, perdendo apenas para a Índia, Indonésia e Rússia. Além do expressivo montante de pessoas desempregadas, cabe ressaltar as alterações na composição do desemprego, como o perfil do desempregado, já descrito anteriormente.



Hoje o desemprego é um fenômeno complexo e heterogêneo, pois atinge de forma generalizada praticamente todos os segmentos sociais, inclusive as pessoas com maior escolaridade, profissionais com experiência em níveis hierárquicos superiores e altos escalões de remuneração.

Pochmann (1999) aponta duas situações especiais na evolução do perfil do desemprego nos anos 90, chamando atenção primeiro para o comportamento do 'desemprego oculto', e segundo para a alteração do 'perfil do desemprego' referente ao 'grau de instrução'.

O comportamento do desemprego oculto, se refere tanto ao desemprego motivado pelo trabalho precário, quanto ao desemprego motivado pelo desalento. O primeiro tipo (desemprego motivado pelo trabalho precário), está associado à procura de emprego, embora o trabalhador possa realizar atividades eventuais, nem sempre remuneradas, enquanto o segundo tipo (desemprego motivado pelo desalento), diz respeito aos que deixaram de procurar emprego recentemente, após um longo período de pesquisas sem sucesso, geralmente em função das dificuldades crescentes de busca no último mês.

O desemprego oculto foi o que sofreu nos anos 90 (noventa) maiores oscilações, em conformidade com a evolução da conjuntura econômica. O desemprego aberto, no que se refere às pessoas procurando emprego sem realizar qualquer tipo de atividade (bico), não apresentou tantas variações, indicando com maior precisão uma situação de desemprego estrutural, cujo comportamento mais favorável da conjuntura econômica pouco estava afetando o seu desempenho.

Pochmann (1999) aponta os seguintes dados.

**Tabela 1 – Distribuição das variações percentuais do desemprego entre os anos 1989 e 1999**

Itens	1989	1999	Variação
Tipo de desemprego (PED/SEADE-DIEESE) Total	8,7	19,5	124,1%
Aberto **	6,5	12,3	89,2%
Oculto ***	2,2	7,2	227,3%
Oculto - Precário	1,5	4,9	226,7%
Oculto - Desalento	0,7	2,2	214,3%

Fonte: Pochmann, 1999

\* Média semestral

\*\* Pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum trabalho nos últimos 7 dias.

\*\*\* Pessoas que realizaram de forma irregular algum trabalho remunerado ou que realizam trabalho não-remunerado em ajuda a negócios de parentes e que procuraram trabalho nos 30 dias anteriores ao da entrevista ou que, não tendo procurado neste período, o fizeram até 12 meses.

Em segundo lugar, como já destacamos, a alteração do perfil do desemprego referente ao grau de instrução. O desempregado com menor grau de escolaridade tem diminuída sua participação no total de desemprego. Em contrapartida, houve elevação na participação relativa no total de desemprego daqueles que possuem maior escolaridade. A situação aparenta ser mais difícil, especialmente para os trabalhadores com escolaridade entre ensino médio e o ensino superior incompleto.

Na situação intermediária, encontram-se os desempregados com o ensino fundamental completo, ensino médio incompleto e com o ensino superior completo. A educação, embora cada vez mais necessária, não se apresenta suficiente para garantir a todos o acesso adequado aos postos de trabalho no Brasil dos anos 90 (noventa).

**Tabela 2 – Distribuição das variações percentuais do desemprego relacionada à escolaridade, entre os anos de 1989 e 1999**

Itens	1989	1999	Variação
<b>Escolaridade (PME/IBGE)</b>			
Menos de 5 (cinco) anos	2,9	6,4	120,7%
De 5(cinco) à 8 (oito) anos	4,9	9,5	93,9%
De 9 (nove) à 11 (onze) anos	4,5	10,1	124,4%
Mais de 11 (onze) anos	1,8	4,2	133,3%

Fonte: Pochmann, 1999

Alguns estudos sobre as conseqüências emocionais do desemprego (também chamados longitudinais), são apresentados por Álvaro et al (1996), e analisam a trajetória no mercado de trabalho de pessoas desempregadas que estão sendo acompanhadas, para comprovar se aquelas pessoas que encontram um emprego se diferenciam inicialmente das que permanecem desempregadas. Ainda não temos os dados de conclusão desse estudo.

Porém outros estudos realizados antes da década de setenta, sobre o fenômeno do desemprego, trazem respostas sobre os sentimentos dos desempregados. “La respuesta dominante fue la insatisfacción y la frustración [...]” (Álvaro et al, 1996, p. 126).

Em estudos realizados nas últimas décadas, de forma quase unânime, conclui-se que a experiência de desemprego está associado à deterioração significativa do bem estar psicológico, ou seja, quando comparadas a pessoas empregadas, as desempregadas apresentam menor grau de bem estar psicológico, maior nível de sentimento depressivo, maior ansiedade, menor grau de satisfação com a vida e menor nível de auto-estima (Álvaro et al, 1996).

No Brasil, segundo psicólogos especializados no tratamento de trauma do desemprego, o choque tem o mesmo impacto da morte de uma pessoa querida, podendo provocar a depressão e até o suicídio. Krein (1997, p.40) afirma que “[...] somente no Banco do Brasil – quando este introduziu uma política de enxugamento de seus quadros – tem-se notícias do suicídio de 25 (vinte e cinco) pessoas”.

Nos resultados de pesquisas sobre a transição dos jovens no mercado de trabalho, observou-se que as pessoas ao finalizarem seus estudos, mesmo não conseguindo encontrar emprego teriam, inicialmente, o mesmo nível de bem estar psicológico quando comparados aqueles que tiveram êxito no mercado de trabalho (Álvaro et al, 1996 ).

Porém outros estudos australianos, falam de sentimentos ruins descritos nas entrevistas: “[...] aquellos que, posteriormente, no encontraron un puesto de trabajo tenían un mayor nivel de sentimiento depresivo y menor autoestima” (Álvaro et al 1996, p. 128). Esses estudos concluíram, que o desemprego exerce uma influência negativa na saúde mental.

É importante descrever que existem estudos “en los que no se observa ningún efecto del desempleo sobre la autoestima o el sentimiento depresivo sino, más bien, una influencia positiva del hecho de tener un puesto de trabajo” (Gurney, 1980; Tiggermann e Winefield, 1984; Winefield et al, 1988 citados por Álvaro et al, 1996, p. 132).

Esses resultados sugerem , portanto, uma interpretação alternativa apontada pelas pesquisa, no que diz respeito à saúde mental dos empregados e desempregados. Segundo eles (esses estudos), não existe um efeito negativo do desemprego sobre a saúde mental, e sim uma influência positiva do emprego. Não podemos deixar de assinalar a qualidade de vida no trabalho como condição necessária para que o emprego tenha algum efeito psicológico positivo, pois alguns empregos são mais prejudiciais para a saúde mental, que a situação de desemprego.

Sabemos que o homem se realiza não apenas através do desempenho de uma profissão, outras questões precisam ser consideradas como a constituição da família, o lazer, a saúde, entre outras. Mas não podemos deixar de concordar que tudo em nossa vida tem forte relação com a fonte de renda que temos. Por isso o projeto profissional é parte significativa na vida do homem e é pensando nele que fazemos nossas escolhas.

## 2.4 O projeto profissional

Nossa concepção é de que não existe um destino estabelecido à priori, pois o homem tem liberdade de escolher e criar seu próprio futuro. Liberdade é sinônimo de responsabilidade e compromisso, uma vez que todas as nossas escolhas têm conseqüências tanto para nós como para os outros. Ser livre é ser consciente de que a partir da escolha que fazemos, seremos certa pessoa no mundo, e a partir do que fazemos, o mundo será de determinada forma.

Essa liberdade que temos de fazer nosso futuro só acontece quando escolhemos qual sentido daremos à ele, qual o caminho que tomaremos para chegar até onde desejamos. Existem vários e escolher um implica em deixar outras possibilidades de lado. Na medida em que fazemos nossas escolhas, construímos um projeto e um desejo de ser alguém. Desejar ser certa pessoa, realizar determinado empreendimento, alcançar um objetivo, só é possível quando temos um projeto que é um movimento concreto da pessoa no mundo.

A escolha da profissão não é o mais importante na definição de um projeto de vida, mas deve ser pensada em consonância, pois dessa escolha também depende que pessoa desejamos ser, o que queremos realizar no mundo, como vamos participar da sociedade e ser reconhecido pelos outros.

Um momento da vida que podemos usar para exemplificar as escolhas, é quando escolhe-se o curso universitário, que é um caminho trilhado por muitos jovens em busca de uma possibilidade a mais de preparação e inserção no mercado de trabalho. A profissão é um meio e não um fim, é uma estratégia escolhida pelas pessoas para se realizarem.

Essa escolha normalmente se dá na passagem da adolescência para a fase adulta. A maioria das pessoas que ingressam numa universidade são adolescentes e estão vivendo uma fase de mudança que provoca algumas crises. É esse o momento onde muitos jovens definem sua posição ideológica, religiosa, sua postura ética, sua identidade sexual e identidade ocupacional.

Muitas vezes o projeto profissional substitui o projeto de vida. Tomé & Bauriard (1987), citado por Soares (1997, p. 51) “encontraram o trabalho (projeto, desejos e medos relativos a vida profissional), em 80% das respostas dos jovens quando estes foram questionados sobre sua vida futura”.

Não podemos definir que o projeto profissional é igual ao projeto pessoal. O projeto pessoal é mais amplo, vai além da profissão. “O projeto pessoal é a profissão, a vida familiar, a vida social, tudo isso numa dinâmica esperada, sonhada, desejada, organizada. Nesse momento o projeto profissional é um meio, sendo o projeto pessoal, o mais importante” (Legres & Pematim, citado por Soares, 1997, p. 60).

Mas segundo Bohoslavsky (1996) o adolescente vê seu futuro composto por sua passagem pela universidade ao lado de professores e colegas em busca de uma carreira. Esse futuro não é abstrato, mas é desconhecido. Nesse futuro está previsto uma família e sua inclusão no mercado de trabalho.

Outro autor, citado por Soares (1997) é Forner (1986) que se refere à profissão quando descreve seu conceito de projeto, mas vai além da determinação da área profissional:

[...] projeto é a unidade e a organização do comportamento desde à determinação de um objetivo, registrado sob a forma de escolha até a espera de alcançá-lo. Mais do que uma escolha ele supõe a determinação de uma área profissional, dos meios para alcançá-las, de uma atividade e realização motivada em direção ao objetivo [...] (Soares, 1997, p. 49).

O projeto de formação, descreve Soares (1997) citando Dubet (1973) apresenta dois níveis “[...] um projeto de mobilidade a curto prazo, e um projeto adulto a longo prazo” (Soares, 1997, p.58). O autor se refere a curto prazo, o projeto ligado ao tipo de estudo que o jovem tem interesse, as escolhas de nível médio, profissionalizante e confirma esse tipo de projeto ao dizer que “ Este projeto tem em grande medida a influência da escolarização anterior e seu grau de sucesso, e em pequena proporção, é ligado as aspirações do indivíduo, a suas próprias motivações e a falta de motivações [...] é estritamente profissional, diretamente ligado a situação de trabalho” (Soares , 1997, p.58).

O projeto de adulto, ou a longo prazo, segundo Dubet (1973) “ é o projeto de inserção profissional propriamente dito [...] é menos determinado pela situação de trabalho, ele é mais cultural” ( Soares, 1997, p. 59).

O projeto de curto prazo, possibilita um emprego, ou 'bico' que permite ao jovem construir seu projeto a longo prazo. Poderíamos incluir nesse processo, a obtenção de um diploma numa profissão desejada, através de um curso universitário. Existe por parte dos jovens uma grande expectativa de que esse

projeto a curto prazo, ao se realizar, proporcione maiores possibilidades para concretizar o projeto a longo prazo.

As possibilidades do homem dependem da realidade social e histórica onde ele vive. "Dizer o que é um homem é dizer ao mesmo tempo o que ele pode ser e vice versa" (Laing & Cooper, 1982, p. 38). Podemos entender o trabalho como uma possibilidade, ou melhor, o trabalho está no campo das possibilidades do homem cujos projetos podem estar ligados às questões profissionais, sociais ou familiares, porém toda conduta humana sempre terá um motivo. O homem se faz na medida que busca e conquista seus projetos, pois ele "define a si mesmo por seu projeto" (Laing & Cooper, 1982, p. 44).

Os estudos que compõem a revisão de literatura dessa pesquisa abordaram questões relacionadas a trabalho, emprego e desemprego, sentimentos, formação escolar e profissional e projeto, que compõem os temas pesquisados.

Para compreendermos o significado desses temas para as pessoas que compõem nossa população, escolhemos a História Oral, pois entendemos que seja o método que aproxima o pesquisador da história de cada sujeito.

### 3 MÉTODO

O curso não me levou a realização de meu sonho [...] quando da escolha do curso superior tinha a certeza que somente este curso superior poderia garantir a realização de meu sonho, de meu projeto profissional. Estar desempregado me deixa numa situação de impotência diante da realidade. Tudo aquilo que havia construído como sonho, torna-se inacessível e não sou mais aquele jovem sonhador, sou um pai de família. (Informante "X" da pesquisa piloto)

Quando iniciamos essa pesquisa, tínhamos apenas uma certeza: as pessoas pesquisadas teriam formação universitária, e estariam desempregadas. A partir dessa definição, pensamos que alguns temas deveriam nortear essa pesquisa: **Formação universitária, Projeto profissional, Sentimentos vividos.**

Para definirmos melhor sobre os outros aspectos, optamos por um estudo piloto que deveria alcançar três objetivos: a) termos uma idéia geral sobre as questões relacionadas pelas pessoas a respeito da situação vivida (desempregadas com formação universitária), b) definirmos qual o método e o instrumento mais adequado para a coleta dos dados, e c) identificarmos os temas predominantes que surgiriam nas respostas das pessoas, verificando se elas confirmavam os que estabelecemos no princípio.

Realizamos este estudo piloto com duas pessoas, escolhidas aleatoriamente e nas condições definidas, ou seja, formadas em um curso universitário e desempregadas. Enviamos à elas um questionário (anexo 01) com nove perguntas, que buscavam respostas que descreviam seus sentimentos por estarem na situação de desemprego.



### 3.1 Estudo piloto

#### Quadro 1 - Identificação dos sujeitos:

---

Sujeito X	38 anos, sexo masculino, casado, formado em Administração de Empresa a seis(06) anos, desempregado há dois(02) anos.
-----------	--

---

Sujeito Y	30 anos, sexo feminino, casada, formada em Administração de Empresa a dois(02) anos, desempregada há oito(08) meses.
-----------	--

---

Fonte: Elaboração própria

O questionário (anexo 1) foi entregue pessoalmente às pessoas que se dispuseram a respondê-lo e, posteriormente, foram enviadas por fax ao pesquisador. Buscamos nas repostas dadas no questionário, frases que davam significado aos seguintes temas:

- a. Formação universitária
- b. Projeto profissional
- c. Sentimentos

#### Significado dado á formação universitária:

Sujeito X - A escolha do curso superior estava determinada, desde a 5ª série; Não tive qualquer incentivo; Ninguém na família possuía ou possui curso superior; Meu sonho me impulsionou e me levou ao curso superior de Administração de Empresas; O curso escolhido não foi muito bom do ponto de vista pessoal, da sua simples realização, do ponto de vista profissional também não.

Sujeito Y - Sonhava em fazer Medicina Veterinária, mas não passei no vestibular; Minha mãe me influenciou a fazer Administração, para trabalhar com ela e também por causa do custo do curso de Veterinária.

Quanto ao projeto profissional, destacam:

Sujeito X - Queria me tornar um executivo de uma grande empresa; Esperava que o curso superior pudesse me abrir novas portas, novas oportunidades, realizar o meu sonho de menino. Entendia que só conseguiria ser executivo tendo o diploma de Administrador de empresas.

Sujeito Y - Ser uma boa administradora, conquistar meu espaço por isso; Sempre imaginei que meu curso me traria um maior retorno, por gostar de ser líder, sempre imaginei que seria uma grande administradora, também por gostar de desafios, portanto tudo que aprendi no curso tinha a ver com o que gostava de fazer; Acredito ter escolhido o curso certo pois gosto da profissão, mas as oportunidades são cada dia mais escassas e existem muitos profissionais por ai que não se valorizam, por isso que as empresas pagam tão pouco.

#### Sentimentos vividos quando do desemprego:

Sujeito X – O curso não me levou a realização de meu sonho, não por culpa dele (qualidade do curso) e sim pela falta de oportunidades que nosso município oferece. As funções administrativas estão, cada vez mais, sendo concentradas nas mãos de poucas pessoas dentro das empresas. O desemprego é muito grande no setor; Frustração, pois quando da escolha do curso superior tinha a certeza que somente este curso superior poderia garantir a realização de meu sonho, de meu projeto profissional. Estar desempregado me deixa numa situação de impotência diante da realidade. Tudo aquilo que havia construído como sonho, torna-se inacessível e não sou mais aquele jovem sonhador, sou um “pai de família”. Agora as cobranças são maiores: não as externas sobre mim, mas aquelas de mim sobre mim mesmo. É difícil admitir ter construído um grande sonho, ter feito o curso superior correto do ponto de vista da realização do sonho, para hoje ter a possibilidade de ser apenas auxiliar de escritório de uma pequena empresa ou escritório de contabilidade, se surgir oportunidade para tal. O certo é que por enquanto continuo desempregado.

Sujeito Y - É uma sensação horrível, acredito que seja pior do que para alguém que não tem graduação, pois fico me questionando sobre como sou profissionalmente e se escolhi a profissão certa. Com certeza meu curso sempre teve a ver com o que queria ser profissionalmente, mas diante do desemprego me pergunto se valeu a pena, principalmente quando se vê tantos por ai ganhando tanto dinheiro só com sua esperteza. Às vezes tenho até vergonha da situação, pois me acho uma profissional competente, mas será que sou? É angustiante, você perde o rumo, a autoconfiança e isso acaba influenciando na relação com as pessoas e com o mundo.

O estudo piloto foi importante para decidir que o método de pesquisa história oral, era de fato o mais adequado para a coleta de dados. Esse método consiste em obter, através das falas dos informantes, o resgate de suas histórias de vida. A história oral ( ou história de vida contada de forma oral), e é baseado nos estudos de Meihy (1996) e Thompson ( 1992).

Ao lermos as respostas do questionário (estudo piloto) pensávamos no quanto seria bom conversar mais com o pesquisado para complementar sua idéia. A aproximação com os informantes, através da história oral, permitiu intervenções quando necessário, ou seja, quando o informante fugia do tema ou quando não existia clareza em sua fala, fazíamos uma intervenção.

Entendemos ser diferente o fato de responder à um questionário quando comparamos com o fato de contar sua história de vida à alguém, pois existe um comprometimento maior, tanto por parte do informante que sente-se importante por sua história estar fazendo parte de uma pesquisa, quanto por parte do entrevistador, pela necessidade da atenção despendida para não perder nenhum detalhe ou comportamento significativo.

Outro aspecto importante do estudo piloto foi a possibilidade de ampliarmos os temas de estudo. Ao analisarmos as respostas dadas às perguntas do questionário, definimos que nossa pesquisa teria dois temas principais: a) Formação universitária e b) Projeto profissional. Quanto a formação universitária, buscamos na fala das pessoas como foi sua escolha, as influências que teve e a importância que dava à formação. Dentro do tema projeto profissional o significado do trabalho, os sentimentos vividos e o projeto de vida, foram os aspectos considerados.

Por fim, essa é uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória que trabalhou com as informações coletadas a partir de entrevistas, e não com dados e teve a pretensão de ser considerada interdisciplinar.

### **3.2 Período, local de trabalho e escolha da população**

Essa pesquisa foi desenvolvida no período de 1999 à 2001, na cidade de Criciúma-SC. Fizeram parte da população intencionalmente escolhida, não

probabilística, oito (08) pessoas com formação universitária em várias áreas, com seis meses de formação (no mínimo), de ambos os sexos, com idades que variaram de 25 (vinte e cinco) a 37 (trinta e sete) anos, desempregadas, a qual denominamos informantes de acordo com a nomenclatura utilizada pelo método história oral.

Foram analisadas sete (07) das oito (08) entrevistas feitas. Os informantes tinham seus currículos cadastrados em banco de dados acessíveis ao pesquisador. Foram dois os bancos de dados onde buscamos os currículos para uma triagem inicial. O banco de dados da Diretoria de Recursos Humanos da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, situada na cidade onde a pesquisa se realizou, e o Banco de dados da Anjo Química do Brasil Ltda, empresa onde o pesquisador presta serviços de recrutamento e seleção de pessoas, também localizada na mesma cidade.

Após selecionar cinquenta currículos de pessoas das mais diversas áreas, idade e ambos os sexos, foi feito um contato telefônico pelo pesquisador, que se apresentou e informou sobre sua investigação de mestrado e a intenção de pesquisar sobre o tema “Pessoas com formação universitária desempregadas”. Verificamos se a condição descrita no currículo ainda era verdadeira (situação de desemprego), e se havia disposição para uma entrevista.

Recebemos vinte respostas positivas, ou seja, das cinquenta pessoas que fizemos contato, vinte dispuseram-se a participar da pesquisa. Agendamos as entrevistas sempre dando preferência ao informante para escolher local, horário e data mais adequada. A maioria das entrevistas aconteceram nas residências dos informantes.

No decorrer da pesquisa, quando ligávamos para confirmar a data da entrevista previamente agendada, doze dos vinte informantes que dispuseram-se participar da pesquisa, já não cumpriam as condições antes definidas. Háviam conseguido emprego ou foram morar em outro município em busca de outras oportunidades.

Foram ao todo oito entrevistas, com duração de 60 à 80 minutos, variando de acordo com o informante. Os estudiosos de história oral afirmam que uma boa entrevista, leva de 60 à 90 minutos, dependendo do informante (mais ou menos falante, disposição de tempo, envolvimento com o projeto). Ao final da entrevista, o pesquisador solicitava a possibilidade de outro contato, caso necessário, para complementar algumas informações.

Uma das entrevistas não foi utilizada para a pesquisa, pois o informante deixou claro que não sentia-se desempregado, que estava se preparando para o mercado e que ainda não havia terminado seus estudos (cursos para a magistratura) para ingressar no mercado de trabalho.

### 3.3 O método de pesquisa

Quando temos como fonte de coleta de informações, relatos orais da história de vida, temos um método definido por alguns autores, entre eles Thompson (1992), como história oral. “A história oral é um recurso moderno usado para elaboração de um documento, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e é reconhecida como história viva” (Meihy, 1996, p. 17).

Ao utilizamos a história oral como método, restringimos aos depoimentos dos informantes como o ponto central das análises. “A história oral como expressão das entrevistas precisa ser ressaltada como o nervo da pesquisa e é sobre elas que os resultados são efetivados” (Meihy, 1996, p. 20).

Depois de reconhecido no Reino Unido, Estados Unidos, México e Itália, esse novo fenômeno de percepção social – história oral – segundo Meihy (1996), começou a ser bem visto no Brasil, onde o método ganhou espaço notável.

A história oral, como entrevista é tão velha quanto a própria história. É sabido que antes de ser escrita, a história foi dita de forma oral. Na Grécia, Heródoto, o pai da história, estabeleceu o testemunho como a base para descrever a verdade do que se via. Daí o significado da palavra história “aquele que viu ou testemunhou. Pode-se dizer que o método de Heródoto foi a base para o ramo da história oral conhecida como história pura” (Meihy, 1996, p. 28).

Tucídides, um historiador grego citado por Meihy (1996), duvidava do método de Heródoto. Achava impossível definir a verdade pela observação e pelos depoimentos colhidos diretamente, preferindo não confiar na memória. No método Tucídiano era necessário proceder exames que combinavam testemunhos com outras fontes.

No século XIX, as correntes filosóficas do positivismo permitiam que os intelectuais vislumbrassem apenas a possibilidade de elaborar história com a ajuda de documentos escritos, pois ali estava a verdade. Este era o modelo científico para o saber. Foi este o momento da história que dividiu a sociedade em dois grupos, os alfabetizados e os não alfabetizados. Ou como nos descreve Meihy (1996, p. 29) “O prestígio dominante da palavra escrita sobre a oral impôs uma guerra entre esses códigos, e o grafado foi dividindo a sociedade [...]”.

Na antigüidade Platão já havia dito que o triunfo da escrita significava a morte da memória, foi a grafia que venceu e determinou, gradativamente, um rebaixamento do prestígio e do significado da palavra falada. Tanto isso é verdade que o ditado popular reconhece que só vale o que está escrito. Esse fato tem sido motivo de uma discussão historiográfica nos últimos tempos, e o que faz alguns estudiosos duvidarem da verdade da palavra oral, afirma Meihy (1996).

O primado da escrita e os depoimentos continuam tendo sua importância para muitos historiadores que nunca deixaram a prática do convívio direto com seus informantes. Desde Engels até Thompson, historiadores tem mantido um ouvido na voz do outro para poder usar a escrita.

De 1918 a 1920, nos Estados Unidos, a escola de sociologia de Chicago elaborou regras capazes de dar credibilidade às histórias de vida. Um projeto norte-americano em 1938 recolheu de cidadãos ilustres as mais completas informações de suas trajetórias.

O método surgiu, em 1947, com o professor da universidade da Colúmbia , Allan Nevis , “que organizou um arquivo e oficializou o termo que passou a ser indicativo de uma nova postura diante do uso e divulgação de entrevistas” (Meihy, 1996, p.27). Esta foi a primeira experiência da história oral como atividade organizada.

Foi uma época (Segunda Guerra Mundial), em que o rádio era um importante meio de divulgação e as entrevistas, principalmente com as pessoas como combatentes, familiares e vítimas dos conflitos, tornaram-se populares. O jornalismo pode ser considerado um importante degrau para o avanço da história oral.

Meihy (1996, p.28) descreve que “[...] de início, a história oral combinou três funções complementares: registrar relatos, divulgar experiências relevantes e estabelecer vínculos com o imediato urbano, promovendo assim um incentivo à história local imediata”.

Segundo Thompson (1992, p. 14), "o boom da história oral" nos Estados Unidos se deu no final dos anos 60 e início dos 70. Esse fato deu origem a OHA – Oral History Association, em 1967. A partir daí proliferaram-se programas de história oral em outras universidades como a de Berkeley e alguns centros de pesquisa e instituições ligadas aos meios de comunicação.

Na década de 60, Thompson (1992) percebeu a riqueza e a importância da memória dos sujeitos anônimos, e como o jeito do entrevistado contar histórias sobre o passado era uma alternativa perfeita para a história social.

No Brasil, a primeira experiência de história oral ocorreu em 1971, em São Paulo, no Museu da Imagem e do Som, que tem se dedicado à preservação da memória cultural brasileira. O CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, sediado na Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, dispõe de um setor de história oral desde a sua fundação em 1975, e é um exemplo da bem-sucedida experiência com história oral no Brasil. Em 1994, no departamento de história da USP, em São Paulo, efetivou-se a criação de uma Associação Brasileira de História Oral.

### **3.4 A entrevista**

Por entendermos que ao fazer pesquisa em Psicologia temos a possibilidade de aproximação do pesquisador com os informantes no dia-a-dia dos acontecimentos, concluímos que numa pesquisa como essa, precisamos ter um compromisso mais efetivo, ou seja, sermos pesquisadores-participantes.

O fato de compreender que nossas vidas se constroem no cotidiano, nas relações que temos e também a partir de coisas ditas e não ditas, foram questões levadas em consideração, na escolha do método, além de podermos demonstrar um estudo nascido do próprio discurso do informantes e que a opção por ouvir suas histórias, teve como fundamento a premissa de que as pessoas são portadoras de uma memória viva. Ou como bem define Lopes J. (2000, p. 46),

No pensamento do filósofo da Escola de Frankfurt Walter Benjamin, a narração tem por função recuperar os trechos perdidos da história, os fragmentos esparsos que reconstituem os sujeitos. Ao narrarem suas histórias, os contadores deixam-se ficar suspensos no tempo,

a fim de que o passado esquecido possa ser redescoberto, salvo no presente.

Com a história contada ou com o fato de trazer a voz do passado até o presente nasce a possibilidade de reconstruir vidas e projetar esperanças e é por intermédio dos significados dado as coisas que se revela o modo como cada um experimenta e elabora suas relações objetivas. A História Oral é um método que dá importância a toda história, independente de ser contada por um herói ou por um desconhecido. Meihy (1996, p. 11) afirma que

por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais e discriminadas, principalmente mulheres, índios, homossexuais, negros, desempregados, além de migrantes, imigrantes, exilados, têm encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias.

Mas para ser um entrevistador bem sucedido, é necessário ter certa compreensão das relações humanas, pois como nos diz Thompson (1992, p. 44) “a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga o campo de ação [...]. Propicia o contato e a compreensão entre classes sociais e entre gerações”.

O pesquisador precisa de algumas habilidades para fazer uma entrevista, entre elas destacamos o interesse e o respeito pelos outros, além de flexibilidade nas reações em relação aos informantes, capacidade de demonstrar compreensão e simpatia por suas opiniões, e, principalmente, disposição para ficar calado e ouvir.

A história oral tem três momentos principais, 1º) o da gravação, que é fundamental por ser o ato de materialização do documento inicial. É dele que depende a seqüência dos demais passos que darão sentido ao projeto; 2º) o momento onde confeccionaremos o documento escrito, que é complexo, pois são necessários muitos cuidados técnicos para que o que foi gravado seja compreendido e descrito; e 3º) o último momento que é o da análise.

No caso dessa pesquisa, a história oral foi coletada através das entrevistas, gravadas mediante consentimento dos informantes, por um microcassete, com duração que variou de 60 (sessenta) à 80 (oitenta) minutos. O local escolhido pela maioria dos informantes foi sua casa e tivemos os cuidados necessários, ou seja, local sem barulho, sem interrupção e de preferência sem outras pessoas circulando.



Ao estabelecer-se um clima de solidariedade profissional, aconchegante à confidências e ao respeito, iniciamos uma conversa mais informal que quebrou o gelo e deixou-nos mais a vontade. Após identificação do informante, iniciamos a entrevista com a seguinte consigna:

*"Gostaria que você contasse sua história de vida desde o período em que você iniciou sua formação escolar, seja no ensino médio ou universitário, passando pela inserção no mercado de trabalho (caso já tenha acontecido), a importância do trabalho para você e os sentimentos vividos na situação de desemprego, ou por estar trabalhando fora da área de formação. Gostaria também que você me falasse de seus projetos futuros."*

Quanto ao estilo a entrevista pode ser a mais informal ou a conversa amigável, até um estilo mais formal e controlado, utilizando-se de perguntas. Nossa pesquisa definiu como estilo o mais informal, porém tínhamos um roteiro para seguirmos, nos casos de os informantes fugirem das questões que responderiam nossa pergunta de pesquisa. O roteiro das entrevistas (anexo 2) procurou reconstruir o percurso que singularizava a condição de cada um escolher um curso superior, entrar para o mercado de trabalho e hoje estar desempregado.

Após a entrevista, verificamos se o conteúdo gravado foi o suficiente, ou se necessitávamos de um novo contato com o informante. Iniciamos um etapa importante como todas as outras do processo de história oral: a transcrição, que é a passagem da gravação oral para a forma escrita.

Existem duas possibilidades a respeito da forma de transcrição: a) transcrição absoluta, que é a passagem completa dos relatos orais e sons como eles foram captados, incluindo ruídos e as variedades não-padrão de linguagem, e b) transcrição de forma trabalhada onde é clara a interferência do autor, para a melhoria do texto, com o argumento de tornar mais clara a história transcrita. Nossa transcrição foi do tipo absoluta.

Fizemos as transcrições e não tivemos a necessidade de novo contato com nenhum dos informantes, já que existia clareza em todas as gravações. Por fim identificamos as fitas com os dados do informante: nome, sexo, idade, residência, formação escolar, situação (desempregado).

Cada entrevista, segundo Schraiber citado por Lopes J, (2000, p. 47) "deve ser vista como uma experiência particular, e não como uma a mais do cotidiano [...]"

o relato não é uma opinião, comentário e juízos do dia-a-dia, mas uma construção, um pensamento especialmente produzido”.

### 3.5 A construção da história oral

Os autores que utilizamos para a pesquisa Thompson (1992) e Meihy (1996) descrevem que a história oral pode ser construída de formas diferentes. Segundo Meihy (1996), temos:

a) História oral de vida com perguntas amplas, é muito mais subjetiva que objetiva, propiciam a narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa, em que se é possível constatar seus sonhos, expectativas, frustrações e fantasias;

b) A história oral temática que parte de um assunto específico e preestabelecido e que se compromete com o esclarecimento ou opinião do entrevistado sobre algo definido. A objetividade é mais direta;

c) “A *tradição oral* que trabalha com a permanência dos mitos e com a visão de mundo de comunidades e que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto, a tradição oral percebe o indivíduo diferentemente da história oral de vida e da história oral temática” (Meihy, 1996, p. 53).

Thompson (1992), apresenta também outros três modos pelos quais a história oral pode ser construída: a) a história de uma única vida, b) a coletânea de narrativas, c) a análise cruzada.

a) A história de uma única vida é construída por meio da fala de um ou vários informantes, que contam a história de uma pessoa. Esses informantes devem ser dotados de memória excepcional.

b) A coletânea de narrativas é a possibilidade da construção de uma interpretação histórica mais ampla, agrupando-as, como um todo ou fragmentadas, em torno de temas comuns. Nesse caso pode-se construir a história de uma família, a partir dos diferentes relatos de pais e filhos. Numa escala maior um grupo pode ser entrevistado para contar a história de sua comunidade. Ou ainda a coletânea pode se relacionar a um grupo social (homossexuais, negros, mulheres,

desempregados) ou temas. “Pode organizar-se como uma coletânea de vidas completas, ou de relatos a respeito de incidentes, ou como uma montagem temática de fragmentos” (Thompson, 1992, p. 305).

c) A análise cruzada é a possibilidade de em um mesmo texto associar a análise com a apresentação de histórias de vida integrais. Podemos utilizar retratos de família, escolhidos para representar as variadas classes sociais e regiões de um determinado país.

“Essas formas básicas não são tanto alternativas exclusivas, mas sim complementares, e, em muitos casos, o mesmo projeto precisa ser apresentado em mais de uma delas” (Thompson, 1992, p. 304).

Após termos todos os relatos transcritos, definidos os temas para estudo, termos as fontes à nossa disposição, buscamos dentre os modos existentes e pesquisados sobre história oral, qual o mais adequado. Aproveitamos o conhecimento que obtivemos a partir dos autores estudados, para junção da coletânea de narrativas (Thompson, 1992) combinada com o tema, presente na história temática (Meihy, 1996).

Essa pesquisa tratou de um fenômeno com a temática do desemprego, experienciado de forma diferente por cada informante, que compõem nesse caso um grupo social. O fato de a história oral resgatar a história das pessoas, e não apenas constituir-se de uma entrevista, traz o diferencial desse método que possibilitou a análise do discurso dos informantes.

Obtivemos diferentes relatos à respeito de um determinado fenômeno, que posteriormente foram reunidos e organizados. A partir dos relatos transcritos, as falas foram escritas em cartelas de acordo com os vários temas e sub-temas estabelecidos nessa pesquisa:

- a. Formação escolar/ universitária
- b. Projeto Profissional

Esses dois temas principais, foram subdivididos em sub-temas:

Tema a: Formação universitária – Sub-temas: as escolhas e influências; sua importância.

Tema b: Projeto profissional – Sub-temas: significado do trabalho; sentimentos vividos; projeto futuro.

Essas cartelas foram espalhadas a fim de compará-las e confrontá-las entre si, para, só então, individualizar e mapear as falas e os acontecimentos de maior relevância, estabelecendo periodização e detectando as conexões entre cada história e tema, que foram aparecendo no decorrer da construção dos resultados.

Foi necessário extrair de uma série de falas as evidências sobre cada tema, que se pretendeu estudar, retomando-os, em seguida, para enxergá-los de um novo ângulo.

A história oral se preocupa com as versões de cada um sobre determinado fenômeno, cada depoimento tem um peso autônomo. Ao analisarmos o conjunto das histórias, buscamos na individualidade os traços comuns. Ao mesmo tempo que buscamos informações sobre um tema (desemprego) que atormenta, traz angústia, medo, insatisfação e discriminação às pessoas, o método revela histórias de pessoas que buscam sonhos, uma vida melhor (projeto futuro).

Descrevemos até aqui como coletamos e organizamos os dados dessa pesquisa. Passaremos a construção das histórias orais levando em consideração a opção feita, ou seja, juntando as narrativas (ou falas) dos informantes sobre os temas estabelecidos, que compõem os resultados da pesquisa.

## 4 RESULTADOS

Todos deveriam ter uma formação universitária, pelo simples fato de ter mais oportunidade para o conhecimento. A faculdade muda a tua maneira de pensar, a tua maneira de viver (Informante "A" da pesquisa).

Veremos a partir do quadro 2, a seguir, a identificação dos informantes estratificadas segundo as células sociais: idade, sexo e estado civil, respeitando a restrição de ter formação universitária, e os resultados obtidos a partir das histórias orais de cada um.

### Quadro 2 - Identificação dos informantes

Informantes	Idade	Sexo	Estado Civil	Formação universitária	Condição atual
A	37	M	Separado	Eng <sup>a</sup> Química	Desemprego oculto
B	25	F	Solteira	C. Contábeis	Desempregada
C	30	M	Solteiro	Eng <sup>a</sup> Mecânica	Desempregado
D	32	F	Casada	Arquitetura	Desempregada
E	28	F	Casada	Psicologia	Desempregada
F	26	F	Solteira	Direito	Estagiária (Exportação)
G	29	F	Casada	C. Contábeis	Desempregada

Fonte: Elaboração própria

#### 4.1. Significados dados pelos informantes às temáticas estabelecidas.

##### Formação universitária - escolhas e influências:

**Informante A** - O informante não deixa claro se sofreu influências quanto à escolha, a não ser o status de ter o título de Engenheiro à frente de seu nome.

*[...] sempre queria na frente do nome, não sei por que, a palavra engenheiro.*

**Informante B** - O interesse veio a partir da experiência no comércio que a família tinha, e ao terminar o curso técnico ingressou no curso de Ciências Contábeis.

*Ele (o pai) tinha um contador né, e eu comecei a me interessar pela parte do escritório, pelos documentos e resolvi visitar o escritório. Eu gostei. A partir daí eu decidi que ia fazer um curso técnico em Contabilidade. Resolvi que eu queria fazer faculdade, queria fazer Ciências Contábeis e ser Contadora.*

**Informante C** - Este informante não falou por que escolheu o curso técnico em Mecânica, mas foi para o curso universitário de Engenharia Mecânica, por exigência do mercado.

*Eu trabalhava muito e ganhava pouco [...] eu vi que eu tinha de voltar a estudar [...] Aí eu decidi fazer engenharia.*

**Informante D** - Este informante via o pai fazer desenho de plantas baixas e ainda criança, começou a fazer também. O pai queria que fizesse Engenharia. Fez um teste vocacional cujo resultado apontou várias possibilidades. Colocou na balança o que gostava e não gostava, e optou por Arquitetura.

*Tem gente que brincava de médico, eu brincava de fazer casinha, mas eu fazia em planta baixa.*

**Informante E** - Este informante fez um curso técnico de Edificações e não se identificou com desenho, área escolhida depois de um teste vocacional. Foi buscar na área humana um curso que pudesse ajudar a resolver seus problemas pessoais. Escolheu Psicologia e afirma que não teve influência de ninguém.

*[...] eu tinha muito problema de relação com a mãe. Eu era namorada e a mãe se revoltava com isso.*

**Informante F** - Não identificamos em seu relato, se sua escolha teve influência de alguém.

*Eu decidi que eu queria fazer Comércio Exterior, mas teria de fazer a faculdade em Itajaí, não tinha nenhuma faculdade por aqui. Não fiz por que a gente não tinha condições. Eu resolvi fazer Direito, por que achava que mexia com relações públicas, o que me aproximava mais do que eu queria. Ledo engano.*

**Informante G** - Esse informante disse nunca ter havido alguém que o orientasse para a carreira. Sua única certeza ao terminar o segundo grau, era fazer faculdade. Recebeu uma lista com os cursos e escolheu Administração por querer trabalhar numa empresa. Não conseguiu passar no vestibular para a primeira opção e fez outra opção.

*Aí eu escolhi Ciências Contábeis por que (pausa). Eu não sei dizer por que. Mas um curso que todo mundo fazia, meu marido escolheu, minha irmã escolheu, entendeu. Eu não tive um apoio, teste de aptidões. Tu saia do segundo grau e ia pra faculdade. Daí lá eles te davam a relação de cursos e escolhia no dedo.*

*Eu não tinha nem idéia do que era a Contabilidade. Tinha uma noção muito superficial. O primeiro vestibular que fiz foi pra Administração, por que a Administração eu poderia trabalhar numa empresa como gerente. Eu não passei no primeiro vestibular, daí no segundo eu fiz pra Contabilidade por causa do índice. Que era mais fácil e eu não queria passar trabalho.*

Apenas o informante B admite ter sido influenciado pelo pai quanto à escolha de seu curso universitário. Outro sofreu influência do próprio mercado, pela pouca valorização dada aos técnicos e por isso buscou um curso universitário (informante C).

Quanto a escolha do curso universitário, a maioria dos informantes, num total de cinco (05) considera a escolha feita como desejada, enquanto dois (02) deles

fizeram o curso que não desejavam, um (01) por não ter conseguido passar para a primeira opção do vestibular, e o outro informante pelas circunstâncias daquele momento (falta de condições financeiras), impossibilitando-o de mudar para outra cidade onde o curso era oferecido.

Todas as pessoas cujos cursos realizados eram os pretendidos, buscam um emprego no mercado para desempenharem uma função relativa à sua formação.

Por outro lado as pessoas que não conseguiram fazer o curso desejado, querem fazer uma outra faculdade. Uma das pessoas que fez o curso desejado, mas está fora da área de atuação, pensa num outro curso que possibilite oportunidades de emprego como docente (informante F)

Ao analisar as falas, é possível afirmar que as pessoas não se arrependem de ter concluído o curso, mesmo não sendo o curso desejado.

#### Formação universitária - importância:

**Informante A** - *Todos deveriam ter uma formação universitária, pelo simples fato de ter mais oportunidade para o conhecimento. A faculdade muda a tua maneira de pensar, a tua maneira de viver.*

**Informante B** - *O fato de você ter um curso superior, faz com que as outras pessoas te respeitem mais, apesar da inexperiência e da juventude, quando você tem curso superior existem mais possibilidades. Um exemplo é meu namorado que trabalha com contabilidade a dez anos e nunca recebeu uma promoção, é auxiliar desde o início. É um bom profissional, mas seu chefe já assinalou que se ele tivesse curso superior já teria recebido uma proposta melhor. Eu era recém formada e já tive proposta de trabalho numa contabilidade (hospital). Com certeza se eu não tivesse curso superior, estaria em pior situação, pois as pessoas respeitam menos e valorizam menos quem tem apenas o ensino médio.*

**Informante C** - *Quando eu terminei o curso técnico eu disse que nunca mais ia estudar. Quando entrei no mercado de trabalho, eu vi que eu tinha que voltar a estudar. Daí eu parei pra prestar atenção no que os outros técnicos ganhavam e como era a situação do técnico né. O curso superior abre mais oportunidades de emprego.*



**Informante D** - *É fundamental para você ter mais oportunidade. Se não tivesse curso universitário não teria tido as experiências que tive, pois a formação era requisito para eu conseguir os empregos que consegui.*

**Informante E** - *Quanto mais formação, maior a possibilidade de emprego.*

**Informante F** - *Hoje eu não valorizo tanto a minha formação em Direito. Eu estou dando importância hoje pra um emprego, eu dou importância ao emprego, ao trabalho, ao dinheiro que eu vou ter dali, e não mais aquela faculdade que fiz e que na verdade me trancou portas. Eu sempre sonhei que minha formação seria a minha base. Minha base financeira, emocional, afetiva. Meu projeto profissional mudou, eu até penso em fazer um curso de Comércio Exterior. Eu sempre acreditei muito na minha intuição e naquela época quando queria fazer Comércio Exterior, eu estava certa.*

**Informante G** - *Sem uma formação universitária é difícil conseguir emprego. Sem formação você até consegue emprego, mas desde que tenha experiência. Nosso curso não tinha estágio, eu penso que todos deveriam fazer estágio antes de se formar, para terem alguma experiência. Na época da faculdade a gente tinha a teoria, mas como seria a prática? Quem já trabalhava na área conseguia fazer essa relação, mas nós não. Ficávamos apenas imaginando.*

Apesar de alguns informantes não serem obrigados a trabalhar para seu próprio sustento, pois têm pais ou maridos que o fazem, buscam uma oportunidade de trabalho para concretizar seus projetos profissionais. A expectativa era que a formação escolar oportunizasse esses projetos.

A maioria, seis (06) desses informantes considera a formação universitária importante, pois lhes proporciona mais oportunidades, tanto para encontrar um emprego, quanto para adquirir conhecimento e mudar a maneira de pensar e viver.

Segundo os informantes, as pessoas respeitam mais quem tem formação universitária e para algumas profissões, é requisito ter um curso superior.

Um (01) deles é da opinião que a formação universitária não é fundamental e não tem valor, mas afirma que não valoriza a formação universitária que possui (informante E, formada em Direito) , mas pensa em fazer um outro curso.

Os informantes afirmam que sem formação universitária a situação deles estaria pior, visto que as experiências profissionais que conseguiram viabilizar até o momento, na sua maioria, só foram possíveis por terem essa formação. A realidade do mercado impõe ao profissional que ele continue estudando. Não existem boas propostas nos dias atuais para a pessoa que tem apenas o curso técnico.

A qualidade da formação, também foi avaliada pelos participantes da pesquisa. Dois (02) informantes disseram que sua formação não atendeu as expectativas. As críticas foram no sentido de o curso não ser exatamente o que queria, pois ensinava a 'trapassar', e isso não fazia parte dos valores que considerava como corretos. Outra crítica era pela falta de estágio para praticar a teoria aprendida (Ciências Contábeis). Esses dois (02) informantes não fizeram o curso que desejavam. Todos os outros informantes consideraram sua formação de boa qualidade e que atendeu as expectativas.

#### Projeto profissional - qual o significado do trabalho?

**Informante A** - *O trabalho é parte da vida. Se você não trabalha cria dentro de você um sentimento de inutilidade. Se você não trabalhar você cria um inferno dentro de você. Você degrada a sua auto-estima, você se degenera. Por mais simples que seja, o trabalho te dignifica.*

**Informante B** - *[...] eu acho que o trabalho é o mais importante pra uma pessoa, praticamente todas as pessoas passam a maior parte do tempo no trabalho, então esse trabalho tem de ser agradável, tem de ser realmente o que a pessoa sonhou.*

**Informante C** - *O trabalho não é o mais importante na minha vida. Quero chegar no final do dia e saber que tudo deu certo, no serviço, no campo pessoal, no campo financeiro, no relacionamento com as pessoas, saber que eu estou com todas as contas em dia, saber que eu estou bem com as pessoas, saber que eu fiz um bom trabalho naquela empresa.*

**Informante D** - *Para mim não trabalhar é sinônimo de não poder viajar, não poder trocar de carro, não poder comprar o que quero. Não gosto de depender de meu marido e sempre tive meu dinheiro. Agora eu tenho de pedir para ele.*

**Informante E** - *Eu não sou feliz, pois um burquinho que falta preencher na minha vida, é o lado profissional, de preferência como professora de psicologia, que seria ainda melhor.*

**Informante F** - *Não acho que a profissão é o mais importante, acho que a parte afetiva é mais. Acho que se tu tá bem com o coração, tu tá bem com tudo. Pode ser até um “trabalhinho merreca”, mas tu tá bem com tudo. O que tu exige vem a partir daí. É claro que eu quero o melhor pra minha mãe, pra meu namorado, então é a partir daí que eu vou querer crescer, ter um bom trabalho, uma boa casa, um carro, querer ter dinheiro pra viajar entende. Não seria o centro de minha vida a parte profissional, mas claro ela vem a partir do afetivo, do familiar.*

**Informante G** - *Eu sempre me senti segura trabalhando. Eu acho que o trabalho faz parte de nossa vida. Não que o trabalho de casa não seja importante. Só que um trabalho numa empresa, fora de casa ele te traz retorno pessoal [...] faz bem pro ego da gente, [...] pro casamento.*

O trabalho é fundamental para a vida desses informantes. Alguns dizem que não é o mais importante, mas que viabiliza coisas importantes, pois possibilita constituir familiar, adquirir bens materiais, comodidade e significa independência no caso das mulheres casadas.

O trabalho dignifica, valoriza as pessoas e possibilita que elas se sintam incluídas na sociedade, aumenta a auto-estima, proporciona sentimento de utilidade, não significa apenas um meio de sobrevivência, é a possibilidade de realizar um projeto.

Todos os informantes, independente da situação social, gostam de trabalhar e vêem no trabalho a possibilidade concreta de realização.

Projeto profissional - sentimentos vividos por estar desempregado:

**Informante A** - *O erro foi ter as precipitações, os impulsos [...] eu pensava que eu era o bom da boca né. Você pensava que estava toda vida por cima. Eu achava assim, que eu vou sair daqui e depois eu volto [...] Não, ninguém é insubstituível. Hoje eu sou mais coerente, hoje nos momentos de tomar decisões, eu sou mais cauteloso [...] Vários momentos ruins, vários, muito ruins, de várias formas, vários pensamentos [...] debilitações da auto-estima. Que difícil voltar. No começo você sofre, você pensa na inutilidade. Hoje eu não estou bem, economicamente eu não estou bem [...] mas se não fossem as coisas ruins a queda seria maior, por que essa queda foi num período jovial. Ainda tenho forças pra me reerguer, levar adiante, limpar a poeira e vamos lá. Tu já imaginou se fosse com uns 40, 45 anos, meu Deus, tu já pensou?*

**Informante B** - *Às vezes passa de tudo por minha cabeça, quando me dou conta do que estou vivendo. Primeiro assim por que você se depara diante de situações. Nós temos uma vaga, então você vem fazer um teste. Então você vai lá, faz o teste. Daí vem o resultado e a pessoa diz: \_ Não, mas nós preferimos um homem. Esse preconceito existe. Ou, \_ Você foi a melhor, mas a gente prefere homem. Eu fico deprimida, um, dois dias aí eu digo, se eu não acreditar no que eu quero, se eu desistir.*

**Informante C** - *Estou formado a quatro anos e estou desempregado a nove meses. Nesse período pintou emprego, mas eu não quis pois quero me valorizar. Eu não estou decepcionado com a minha escolha profissional, eu estou decepcionado com o mercado que não valoriza o profissional. Eles querem que façamos o trabalho de engenheiro, mas nos pagam com o salário de peão. No começo eu aceitava, me sujeitei pois não tinha experiência, hoje não, eu já tenho experiência e vou me respeitar. Hoje eu estou sentindo assim, como eu não consegui fazer minha empresa por falta de dinheiro, eu estou assim meio agoniado, mas eu sabia que isso podia acontecer, então eu já estou conformado.*

**Informante D**- *Quando eu fui demitida, não me disseram exatamente o motivo. Fiquei sabendo depois que era incompatibilidade de gênio entre eu e outra*

colega. Preferiram ela, mas nem disseram o que eu estava fazendo de errado para mudar. Eu pensei: \_ Eu devo ser muito inútil. Me senti excluída, pois entre eu e ela, escolheram ela. Eu continuo acordando no mesmo horário para trabalhar, vejo meu marido sair e fico chorando. Aí tu come, come, engorda.

**Informante E** - *Eu fiz a faculdade muito cedo, não valorizei meu curso, não tinha interesse e não me dediquei. É uma sensação muito ruim, estar desempregada. A cada possibilidade que surge, há uma expectativa que não tem se concretizado. Eu fico frustrada, choro, brigo com as pessoas mais queridas, fico brava. Meu marido sofre junto, pois a cada entrevista que sou chamada, ele procura me proteger, com medo de que não dê certo e eu sofra. A cada não que eu recebo, eu desanimo, sinceramente eu penso em não ir às entrevistas com medo de receber outro não.*

**Informante F** - *É desesperador, de entrar em parafuso. Precisava ajudar em casa, queria isso, aquilo e não podia. [...] ao invés da formação ter me ajudado ela estava me travando o espaço profissional, minha vida profissional. Eu me lembro bem, quando eu estava desempregada, eu estava em casa e meu pai e minha mãe cobravam por que eu estava em casa. Eu estava uma merda. Não via saída na minha vida.*

*No começo eu estava bem mal, quer ver quando encontrava os colegas da faculdade e eles me perguntavam: Daí tá trabalhando? Eu dizia não, não tô trabalhando na área e eu ficava mal comigo mesmo. Só que hoje como eu acho que me encontrei lá nesse estágio na exportação, quando eles me perguntam se estou trabalhando na área eu respondo não, não tô. É uma coisa mais normal, mais natural, não me sinto culpada, não voltaria atrás. Hoje eu lido melhor.*

**Informante G** - *[...] eu pelo menos me sinto assim, um peixe fora da água, fora do mercado. Tu pode te ocupar com cursos, trabalhos voluntários, mas eu me sinto excluída. Eu acho que o trabalho numa empresa, num escritório, faz bem, não pelo dinheiro, mas para a pessoa se sentir valorizada, se sentir fazendo parte do mundo lá fora. Eu me sinto mais segura trabalhando fora, do que ficando em casa.*

*Olha eu me senti mal, me senti assim inútil, mesmo tendo minha filha, tenho casa, tenho marido que trabalha, mas eu me senti inútil. Me passou uma coisa*

*assim, não tenho palavras pra explicar (pausa) Eu me senti assim, vazia. Por que o trabalho fazia parte do meu dia a dia, uma coisa que me complementava. Eu já estava me preparando por que eu sabia que minha demissão vinha mais cedo ou mais tarde. Mas na hora que veio, foi um choque. Eu sempre fui uma pessoa que trabalhei, nunca fui de ficar em casa. Sempre senti a necessidade de trabalhar, me complementa como pessoa. Hoje eu já me acostumei, mas faz falta. Eu penso, em casa de novo! Tento me ocupar com algumas coisas, pra não ficar pensando muito na minha situação.*

Quanto aos sentimentos vividos pelo fato de estarem desempregados, os informantes destacam a *decepção consigo mesmo*, sentimentos de *inutilidade, degradação da auto-estima, degeneração, inferioridade, ser vítima de preconceito, depressão, decepção com o mercado, exclusão, desânimo, desespero, uma merda, um vazio.*

Alguns aspectos positivos também são destacados, mas apenas pelo informante "A". Ele afirma que as dificuldades fizeram com que ele mudasse valores, *não ser precipitado, não achar que é insubstituível, ser mais coerente e cauteloso nas decisões.* Disse que as dificuldades fizeram com que ele não vivesse mais uma ilusão e a estabilidade dava à ele a ilusão de que tudo estava bom. *Você pensava que estava toda vida por cima.*

### Projeto profissional - projeto futuro?

**Informante A** – *Gerenciar o laboratório de Química em uma escola (está discutindo essa proposta). Terminar o mestrado e fazer doutorado. Eu construo meu futuro pouco a pouco, atos a atos.*

**Informante B** – *Trabalhar num escritório de Contabilidade. Casar, constituir família, Voltar a estudar. Eu não quero um emprego, se quisesse estava trabalhando no setor pessoal. [...] se eu ficar dizendo que estou errada, será que eu tenho de sair da área, trabalhar em qualquer coisa . Reflito que preciso me valorizar, acreditar em mim, ir atrás do que desejo. Já pensei em desistir e tentar*

*outra profissão. Eu vou te ser bem sincera, meu objetivo hoje é entrar pra área contábil. Não vou desistir enquanto não conseguir.*

**Informante C** – *Guardar um pouco mais de dinheiro para ter minha serralheria. Hoje quero conseguir um emprego que me pague o mínimo da categoria pra no futuro ter meu próprio negócio.*

**Informante D** – *Já surgiram alguns trabalho desde então, mas todos em São Paulo. Meu marido está bem profissionalmente e eu não quero ficar longe ou que ele mude comigo. Vou fazer mestrado, ser professora e tentar um trabalho aqui, mais light, que não tenha de trabalhar de segunda à segunda, fim de semana e feriado. Quero um trabalho com mais qualidade de vida, poder fazer ginástica, viajar, respirar. Quero ter um filho este ano, pois já tenho 32 anos.*

**Informante E** – *Meu projeto tem a ver com a realização pessoal, até mesmo pelo fato de estar buscando isso a muito tempo. Eu nunca pensei que minha escolha tinha sido equivocada, mas no período em que dei aula me identifiquei com a Língua Portuguesa. É uma área que tem bastante campo, tem falta de professor de português. Eu acho hoje que a área de Letras traz maior possibilidade de emprego do que a Psicologia na área educacional. Se pudesse faria uma faculdade de Letras.*

**Informante F** – *Quero chegar em casa colocar a cabeça no travesseiro e conseguir dormir. Eu estou fazendo a pós-graduação na área de Direito, para ter um diferencial, e poder dar aula. Talvez fazer um concurso se algum dia decidir que é isso que eu quero. Meu projeto profissional mudou, eu até penso em fazer um curso de Comércio Exterior. Eu sempre acreditei muito na minha intuição e eu naquela época quando queria fazer Comércio Exterior, eu estava certa.*

**Informante G** – *Vou aproveitar que estou sem trabalho pra me especializar, e a informática é uma das coisas principais. Penso em voltar para a área de seguro, mas também penso em outro curso universitário, Administração, Direito, mas que pudesse aproveitar o conhecimento do curso de Contábeis e eu faria diferente, buscaria mais estágio, desenvolveria projetos. Me dedicaria para a faculdade para*

*sair sendo uma profissional, não mais uma pessoa com o diploma na mão, pois de Ciências Contábeis, eu saí com o diploma na mão. Não saí preparada pro mercado e por isso, não adiantou de nada.*

O último aspecto considerado relevante entre os informantes, e por isso destacado, diz respeito às expectativas sobre o projeto futuro que eles relatam nas entrevistas.

Todos que fizeram o curso superior desejado, buscam realizar seu projeto profissional, através de emprego na área de formação. Mesmo em alguns momentos de suas falas, quando aparece uma vontade de desistir e mudar de área, na fala seguinte, fortalecem o discurso de que se prepararam para isso e vão buscar essa realização. Como deixa claro o informante B.

*Será que eu estou na área errada, será que tenho de sair da área, trabalhar em qualquer coisa? Ah, mas eu estudei, eu investi [...] pode até demorar, mas a gente deseja um padrão, tem um projeto de vida [...].* Esse mesmo informante deseja trabalhar num escritório de contabilidade, casar, constituir família e voltar a estudar

Alguns desejos dos informantes estão relacionados a ter seu próprio negócio. [...] *quero conseguir um emprego (como engenheiro) que me pague o mínimo da categoria pra no futuro ter meu próprio negócio [...] uma serralheria (informante C).*

Outro pensa em gerenciar um laboratório de Química numa escola técnica (informante A). Em contato posterior à entrevista, ele já havia iniciado uma conversa com a direção da escola e existiam grandes possibilidades de viabilizar esse projeto.

*Fazer outra faculdade, já que a primeira não a agradou (informante G) , ou fazer outra faculdade para ter outra possibilidade de trabalho (informantes E , F), para se especializar mais, além de terminar a pós graduação e fazer um curso de Comércio Exterior, que foi o que sempre desejou (informante F).*

O informante D, pensa em mudar o ritmo que tinha de trabalhar de segunda à segunda e ter um trabalho mais tranquilo. A possibilidade de fazer mestrado para dar aula em universidade é um desejo para o futuro.

Ser professora é o projeto de futuro do informante E. Gostaria de atuar como docente na disciplina de Psicologia, mas relata várias vezes o interesse em ser professora de Português, pois teve uma boa experiência ministrando essa



disciplina. [...] comentei com meu marido que se eu tivesse condições eu entrava numa faculdade de Letras [...] É uma área que tem bastante campo, tem muita falta de professor de Português.

## 5 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Antes o trabalhador revoltado saía ou perdia o emprego, mas tinha opções para trabalhar em outros lugares. Hoje não, a dificuldade em arrumar outra coisa é muito maior e os salários estão menores. Com isso, ele vive com medo. Sente-se humilhado cada vez que perde seu emprego. E cada vez que recebe um não como resposta de serviço a que se candidata, sente-se derrotado. (Vicente Paulo da Silva-Vicentinho-sindicalista, 1998).

Os relatos dos informantes dessa pesquisa trazem significados que explicam a situação vivida por eles acerca do desemprego, relacionando essa situação com a formação universitária e seus projetos profissionais.

Pode-se verificar que quanto à Formação Universitária (escolhas, influências e importância), todos os informantes afirmam ser importante para o projeto profissional, ter uma formação universitária. Definem a formação universitária como facilitadora da inserção no mercado de trabalho, pois traz maiores oportunidades e as pessoas com essa formação, são mais respeitadas quando comparadas as que tem apenas a formação do ensino médio.

Para que possamos atender as exigências do mercado de trabalho, a educação (entendida como qualificadora) é cada vez mais necessária, mas essa pesquisa demonstrou que não é o suficiente para garantir à todos o acesso ao emprego para a qual se preparou.

Temos como significado do trabalho, que ele é parte da vida, dignifica, é o mais importante, viabiliza as coisas materiais, contribui para o relacionamento com o outro, te deixa seguro, sem ele você se torna “inútil” e “degrada a sua auto-

estima". O que confirma o que Marx, a partir de considerações de Medá (1995, p. 20), afirma ao se referir ao trabalho como central na vida do homem.

[...] o pensamento marxista, por diverso que seja, mantém a idéia da centralidade do trabalho enquanto atividade constitutiva da essência do homem [...] o trabalho [...] se constitui de criatividade, invenção e luta contra as necessidades, que lhe confere sua dupla dimensão de sofrimento e realização pessoal.

As funções do emprego, descrita por Álvaro et al (1996), é confirmada pelos informantes. Quando o emprego é o responsável pelo desenvolvimento de aspirações, expectativas, atitudes, condutas, definem valores, projetos e realizações profissionais, status, reconhecimento, é o que sustenta a atividade pessoal e familiar, temos descrita a função psicossocial do emprego:

*"Eu sempre me senti segura trabalhando; [...] eu não sou feliz; [...] o trabalho te dignifica; [...] tem de ser realmente o que a pessoa sonhou; Quero chegar no final do dia e saber que tudo deu certo, saber que estou com todas as contas em dia".*

A função econômica do emprego é a via de acesso ao circuito produção-distribuição-consumo de bens e serviços necessários ao homem. Esta função é também destacada pelos informantes, quando falam das possibilidades que um emprego pode-lhes dar:

*"Para mim, não trabalhar é sinônimo de não poder viajar, não trocar de carro, não comprar o que quero; É claro que eu quero o melhor pra minha mãe, pra meu namorado, então é a partir daí que eu vou querer crescer, ter um bom trabalho, uma boa casa, um carro, querer ter dinheiro pra viajar entende"?*

A função sócio-política caracteriza-se pelo meio de integração do cidadão na vida social e política, e o modo de prevenção das tensões, conflitos e contradições derivadas da exclusão social, trazida pelo desemprego. Este foi outro aspecto confirmado na fala dos informantes.

*"Se a gente não trabalha a gente não é ninguém".*

Os sentimentos vividos pelos informantes variam de acordo com a situação, mas confirmam os estudos realizados antes da década de setenta que trazem respostas sobre os sentimentos dos desempregados. "Os sentimentos mais dominantes foram a insatisfação e a frustração [...]" (Álvaro et alli, 1996, p. 126).

Nossa pesquisa mostra que os sentimentos com a situação de desemprego são de decepção consigo e com a situação do mercado, inutilidade, inferioridade,

sentem-se vítimas do preconceito, excluídos, desanimados, desesperados, vazios. Outros conseguem aproveitar da situação para reverem alguns conceitos e mudarem valores, para tornarem-se melhores. É o caso do engenheiro químico que atualmente é professor. Fazer outra faculdade e concluir especialização (informante F) ou mestrado já iniciados ou voltar para a pesquisa em laboratórios (informante A).

Os informantes que fizeram um curso universitário desejado, vêm seu futuro profissional relacionado à sua escolha, ou seja, todos pretendem utilizar de sua formação universitária para colocar em prática seu projeto profissional. Exceto o informante F que pensa em fazer outra faculdade (Letras) em função de maior oportunidade de trabalho.

Diante do fenômeno em estudo, nossos informantes com curso universitário, desempregados são sujeitos em várias situações. Alguns têm um projeto profissional diferente do projeto inicial que tinham antes da conclusão do curso universitário. Outros modificaram seu projeto mediante as possibilidades existentes, ou nas palavras de Laing & Cooper (1982, p. 38) “as possibilidades do homem dependem da realidade social e histórica onde ele vive. Dizer o que é um homem é dizer ao mesmo tempo o que ele pode ser e vice versa”.

A maioria de nossos informantes segue em busca de concretizar seu projeto inicial. É o projeto de adulto, ou projeto a longo prazo, definido por Dubet (In: Soares, 1996).

Os limites deste estudo não nos autoriza fazer generalizações, mas os resultados aqui obtidos permitiram desenvolver algumas reflexões sobre como os informantes pesquisados compreendem e explicam sua situação.

O grave momento que vive o mercado de trabalho, tem por trás um quadro que desestrutura psicológica e socialmente as pessoas. O medo de perder o emprego, de não conseguir dar aos seus as mínimas condições para atender as necessidades já seria motivo para desestruturar a pessoa, mas como se isso não bastasse, elas estão vivendo a experiência do desemprego.

Muitos vivem o desemprego como a perda de sua identidade social. Habitados às rotinas de trabalho, passam a conviver com uma situação de ociosidade, que pode ser confundida pelas pessoas, como falta de vontade para o trabalho. Quem já não ouviu o comentário: “Emprego tem, não trabalha por que não quer”.

Os desempregados evitam pensar sobre sua situação pois ela lhe traz sofrimento e dor, mas é impossível que essa situação não traga prejuízos a família, alterando profundamente suas relações afetivas com a mulher (marido), filhos (as), pais, irmãos (as) e até namorada (o). Ter uma profissão, significa a possibilidade de ser reconhecido socialmente. É ter mais chances, obter salário e dar segurança para si e para os seus.

A situação de desemprego, interrompe o projeto de vida das pessoas, pois ameaça o que já foi conquistado, força mudanças que na maioria das vezes são entendidas como negativas. Perde-se a expectativa de continuar crescendo, sem a chance de oferecer melhores condições de vida para si e para os seus.

Outra reflexão relevante a fazer é quanto a auto-imagem que a pessoa desempregada tem de si. Percebeu-se nas falas dos informantes que existem três momentos pelo qual a pessoa passa durante a experiência de desemprego.

No primeiro momento a pessoa sente-se vítima da situação o que decorre da idéia de que ela não pode oferecer nada para o mundo nem para os seus. As possibilidades de solução de seus problemas estão fora de seu alcance. Ele passa a depender dos outros, pensa que escolheu o curso errado, não se esforçou o bastante para ter a experiência necessária para desempenhar tal função, foi relapso, incompetente.

A auto-imagem fica prejudicada pela visão do senso comum de que só está desempregado quem não tem capacidade ou vontade de buscar seus interesses. A opinião formada pelo senso comum, não leva em consideração a relação entre formação profissional e projeto. Para esses o que vale é trabalhar, não importando no que. Diferente da opinião das pessoas que compõem a população dessa pesquisa que relacionam formação com projeto profissional.

No segundo momento, sente-se injustiçado, apesar de ter sido um bom profissional, conclui que não foi reconhecido como tal e acredita que está desempregado em função de mudanças que estão ocorrendo no mercado de trabalho. É o momento em que procura explicações para seu desemprego, com argumentos críticos à política econômica, considerando que o mercado está muito exigente. Demonstram uma necessidade de buscar novos elementos que direcionem sua insatisfação, não se comportando mais como vítimas.

O terceiro momento acontece quando a pessoa já está vivenciando uma situação de entendimento interno e social. Aceita que perdeu o emprego e recupera

em si os atributos ou motivação para a formação de uma nova condição de vida pois torna-se auto-confiante e segue em frente. Sabe que sua identidade (seu eu) é o resultado de sua ação e de sua experiência, e que o desemprego provoca um sentimento de revolta, de inutilidade, contra o qual é preciso ficar atento, pois sentir-se revoltado e inútil, não contribui com a busca de alternativas para sua situação. Passa a entender que é possível aprender com as perdas (informante A). Geralmente a maioria das pessoas vive os três momentos passando de vítima para injustiçado e daí para o terceiro momento onde a pessoa busca alternativas.

Duas explicações poderiam ser consideradas quando pensamos por que as pessoas com formação universitária estão desempregadas. Primeiro que o mercado de trabalho está suprido de uma grande quantidade de pessoas qualificadas, incluindo as pessoas com formação universitária. Segundo, os estudantes no período em que estão cursando a universidade, não se dedicam como deveriam na busca de mais conhecimento através de estágios ou envolvendo-se em projetos, além dos obrigatórios, o que implica em não estarem melhor qualificados para o trabalho após a formação, ou seja, existe falta de interesse durante a formação.

Esses dois fatos resultam em insegurança e as pessoas acham-se incapazes para desenvolver determinada tarefa (informantes B, E e G). As pessoas que tem maior experiência, mesmo através de estágios e projetos desenvolvidos, são escolhidas em detrimento das que têm menos experiência. Os profissionais que recrutam e selecionam pessoas, analisam todas as experiências profissionais.

Os resultados dessa pesquisa indicam a necessidade de estudar outros aspectos sobre a percepção individual ou coletiva das causas do desemprego em pessoas com curso universitário, o comportamento dos desempregados dentro do mercado de trabalho ou as representações sociais do desemprego.

É indiscutível a necessidade de pesquisarmos um maior número de pessoas nas condições dos informantes que fizeram parte dessa pesquisa e de fazermos pesquisas quantitativas que obtenham o número de desempregados com formação universitária, incluindo como questão pesquisada pelo IBGE (senso), ou pesquisas que caracterizem melhor o perfil das pessoas com curso superior. No âmbito das pesquisas qualitativas, essa pesquisa indica a necessidade de buscar se existe diferença entre o impacto psicossocial do desemprego entre homens e mulheres.

Como proposta de estudo futuro poderíamos pensar que o fato de estar desempregado pode servir como o motivo de mudança para melhor. A pessoa

torna-se melhor por ter passado pela experiência de desemprego e muda seus valores, tornando-se mais humilde, menos prepotente e valorizando coisas antes não valorizadas.

Por fim, fazer um curso para conquistar um emprego e conseqüentemente a inserção no mercado de trabalho, não significa que a pessoa alcançou tudo que é necessário para sua carreira. A identidade profissional, relacionada a essa carreira, é parte de nossa identidade global, que segundo Bohoslavsky (1996), começa a se desenvolver ainda quando somos crianças e só termina na vida adulta. O fato de escolhermos um curso universitário não representa que nossa carreira está definida, pois teremos que escolher uma área de especialização, ou se seremos um profissional prestador de serviço ou vinculado à uma empresa, ou ainda dono de um negócio próprio.

Ter um emprego, principalmente o que se deseja, que tenha ligação com a formação escolhida, está relacionado a uma vida com dignidade, com respeito social, com a perspectiva de contribuir para a sociedade onde vivemos e de sermos felizes por estarmos realizando um projeto profissional, fundamental em nosso projeto maior, nosso projeto de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARO, J.L; GARRIDO, A; TORREGROSSA, J.R. **Psicologia social aplicada**. Madrid: Isabel Capella, 1996.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação Vocacional - A Estratégia Clínica**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 221 p.

BRASIL, Censo 1998. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Item 4 – trabalho. IBGE. Brasília.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. 3 edição, Editora Guanabara, 1987, 379 p.

CATTANI, A.D. **Trabalho e Tecnologia: dicionário crítico**. Petrópolis: Vozes, Porto Alegre: Ed. Universidade, 1997.292 p.

Disponível em: <<http://www.ibge.net/disseminação/popclock/scripts/popclock.php>> Acesso em 19 set.2000.

Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>> Acesso em 12 jun.1999 e 01 fev. 2000.

Disponível em: <<http://gonzaguinha.technet.com.br>> Acesso em: 10 nov.2001.

KREIN, D. **O desemprego: causas e desafios**. Caderno de apoio às atividades de formação de formadores e capacitação de conselheiros. SNF.CUT, São Paulo, n. 0011, 1997. p. 40-42.

LAING, R. & COOPER, D. **Razão e violência**. 2. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1982. 124 p.

LOPES, J.C.C. **A voz do dono e o dono da voz: trabalho, saúde e cidadania no cotidiano fabril**. São Paulo: Hucitec, 2000. 461 p.

LOPES, E.M.T; FARIA FILHO, L.M; VEYGA, C.G. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 2.ed. 608 p.



MARTIN-BARÓ, I. **La interacción personal contexto y percepción** In: *Acción e ideologia: psicologia social desde centroamérica*. San Salvador: UCA, 1983, cap. 1 p. 183-239.

MARX, K. **Capítulo VI inédito de O Capital**- resultados do processo de produção imediata. São Paulo: editora Moraes, 1969.

MEDÁ, D. **El trabajo: un valor en peligro de extinción**. Aubier, Paris: Gedisa, 1995. 287 p.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996. 86 p.

MINOGUE, k.R - **O conceito de Universidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

POCHMANN, M. **O fenômeno do desemprego no Brasil: diagnóstico e perspectivas**. Documento elaborado para subsidiar a 1ª Semana Nacional Universitária e 1ª Conferência Nacional Universitária, São Paulo, setembro de 1999.

\_\_\_\_\_ **A batalha pelo primeiro emprego: as perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho brasileiro**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000. 95 p.

\_\_\_\_\_ **Brasil – 3º País do mundo em desemprego**. *Correio Bancário*, São Paulo, 01 fev.2000.

**RAIS** – Ministério do trabalho. 1990-1999.

SAVIANI, D. **O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias**. Caderno de apoio às atividades de formação do programa nacional de formação de formadores e capacitação de conselheiros. SNF.CUT, São Paulo, n. 0011, 1997. p. 81-88.

SOARES, D.H.P. **Choix Professionnel: projet des parents – projet des adolescents**. Tese (Doutorado em Psicologia). Villeneuve d'Ascq, France, 1997.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992, 385 p.

TUMOLO, Paulo Sergio. **Trabalho: Categoria sociológica chave e/ou princípio educativo? O trabalho como princípio educativo diante da crise da sociedade do trabalho**. *Perspectiva*, Florianópolis, n. 26, p. 39-70, jul/dez. 1996.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ARENDDT, H. **A condição Humana**. São Paulo: Forense, 1981.

BARROS, A.J.P; LEHFELD, N.A.S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia da letras, 1994. 484 p.

CAFIEIRO, C. **O Capital: uma leitura popular**. São Paulo: Polis, 1990.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

CRUZ, R.M. Texto: **A formação dos trabalhadores para o (des)emprego ou tudo o que é sólido desmancha no ar**. Trabalho apresentado no IV Congresso de orientação Vocacional e Ocupacional e 1º Encontro de Orientadores Profissionais do Mercosul, setembro de 1999, Florianópolis, SC.

ECCO, U. **Como se faz uma tese**. 14. Ed. São Paulo: Perspectivas, 1998. 170 p.

FORRESTER, V. **O Horror Econômico**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

Disponível em: <<http://www.geocities.com/Paris/Rue/5045/EMPREGO.HTM>>  
Acesso em: 07.fev.2000.

GUIMARÃES, L.A.M. & GRUBITS, S. (Orgs): **Saúde em tempos de desemprego**. São Paulo: Universidade Católica Dom Bosco, 1999. vol. 1

ISKANDAR, J.I. **Normas da ABNT comentadas para trabalhos científicos**. Curitiba: Champagnat, 2000. 101p.

LUNA, S.V. **Planejamento de pesquisa**. São Paulo: Educ, 1999, 108 p.

MOREIRA, A.S.P. (org), OLIVEIRA, D.C. **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998. 328 p.

MULLER, M. **Descubrir el camino: nuevos aportes educacionales y clinicos de orientación vocacional**. Buenos Aires: Editorial Bonum, , 1994. 265 p.

REVISTA CIÊNCIA E PROFISSÃO. São Paulo, n. 1, Ano 19, 1999. Trimestral.

REVISTA CIÊNCIAS HUMANAS. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC. Ed. UFSC, Florianópolis, vol. 15, n. 22, 1997.

SAMPAIO, H. **Evolução do ensino superior brasileiro, 1808-1990**. Núcleo de Pesquisa sobre ensino superior da universidade de São Paulo, São Paulo, documento de trabalho, p.1-28, agosto de1991.

SARTRE, J. P. **El ser y la nada – Ensayo de ontologia fenomenológica**. Ed. Alianza Editorial: Madrid, 1984.

III SIMPOSIO BRASILEIRO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL, 1997, Canoas, RS. **Anais...Canoas**. RS: ULBRA , 1997.242 p.

SILVA, E.S- **Crise, trabalho e saúde mental no Brasil** - São Paulo: Traço Editora, 1986.

VIEIRA, S. **Como escrever uma tese**. 5.ed. São Paulo: Pioneira, 1999, 102 p.

**ANEXOS**

**ANEXO 1 – Questionário: Estudo piloto**

- 1- Quando comecei a pensar numa profissão.**
- 2- Minha história profissional ( desde meu primeiro emprego ).**
- 3- A escolha de meu curso superior (como foi, quem influenciou, por que escolhi esse curso)?**
- 4- Minhas expectativas, durante o curso com relação a emprego. Qual a relação entre o curso e o emprego que pretendia?**
- 5- O que pensar das escolhas que fiz (curso, profissão).**
- 6- Qual o projeto que tinha no momento da escolha do curso superior?**
- 7- A relação entre ter feito um curso superior e estar desempregado.**
- 8- Compreender se o projeto universitário tinha a ver com o projeto profissional.**
- 9- Como estou me sentindo ao vivenciar o fenômeno do desemprego.**

## **ANEXO 2 - Roteiro das entrevistas**

- 1- Quando começou a pensar na profissão?**
- 2- História profissional (desde o primeiro emprego).**
- 3- Por que escolheu esse curso universitário? (Como foi a escolha, influências)**
- 4- Expectativas durante o curso com relação ao emprego.**
- 5- O que pensa da escolha que fez?**
- 6- Qual o projeto que tinha quando fazia o curso universitário?**
- 7- Qual o projeto profissional de hoje?**
- 8- Relação entre ter feito um curso universitário e estar desempregado.**
- 9- Como está se sentindo ao viver a experiência do desemprego?**

### ANEXO 3 – Transcrições de entrevistas

Informante A , 37 anos, separado, Engenheiro Químico.

Desde a infância gostava muito de tecnologia, no primeiro grau eu não me lembro e no segundo grau eu participava sempre de feiras de ciências, sempre queria na frente do nome, não sei por que, a palavra engenheiro. Entrei na faculdade fiz engenharia, gostava de engenharia química, me formei técnico em química, também e concluí a primeira faculdade que seria química industrial reingressei pra segunda faculdade que seria engenharia química. Comecei antes de pegar o diploma, comecei a trabalhar em empresa, como estágio numa empresa cerâmica, foi onde eu defini o que, o ramo que eu queria seguir, como conseguia entender a cerâmica, depois do estágio fiz um teste numa outra empresa cerâmica, passei, trabalhei num centro de pesquisa dessa empresa, fiquei basicamente cinco, seis anos na empresa, o centro de pesquisa ia fechar e fui convidado para trabalhar em outro centro de tecnologia em cerâmica, ah fui trabalhei, também na área de pesquisa e desenvolvimento, um pouquinho mais , gostei , foi a parte que gostei mais por que te puxava mais na parte de química nuclear por que trabalhava com espectrometria de fluorescência de raio X. Aí comecei a fazer um mestrado em engenharia de materiais, não concluí o mestrado, não conclui o mestrado por minha opção, o que foi um erro. Tive uma proposta de uma outra empresa, pra, de uma outra pessoa, como tu tinha um envolvimento muito grande com as pessoas e as pessoas necessitavam muito de ti por causa das liberações das matérias primas, tive um convite muito, muito ( pausa) vantajoso economicamente. Pedi minha saída, aonde não aconteceu o fato e aí eu primeiro me decepcionei, levantei a cabeça e comecei a ir no mercado novamente e aí eu vi que a coisa estava, ruim né. Andei basicamente Criciúma, eu andei por todas, eu andei por cinqüenta e quatro

empresas, cerâmicas, plástico, o que era na área de química. Consegui a primeira vez numa fábrica de plástico, mas não me adaptei pela filosofia do próprio dono. Você começava á cinco da manhã e terminava às dez da noite e o salário não era o que você queria, e o cara gostava de trabalhar com a tua psicologia, querendo, tipo assim, querendo te dominar né, aí eu não aceitei, simplesmente saí. Peguei numa outra empresa, depois dessa ali, peguei numa outra empresa na venda de equipamento de cerâmica importados da Itália, estava muito bem, mas só que daí também as coisas começaram a ir por um caminho que eu também não estava gostando. Aí saí, pedi a saída e comecei a procurar de novo. Recebi convites, nisso eu já tinha ido em sessenta e poucos colégios, nesse meio recebi convites de colégios, comecei a trabalhar como professor, professor de matemática, física, química, fisico-química, até que assim, foi uma adaptação boa, e estou até agora.

### **Você já está formado a quanto tempo?**

A dez anos. Como químico estou trabalhando como químico e estou a um ano como professor. Meu Deus salário horrível, é o nosso país né.

### **Qual a relação que você estabelece em ter feito um curso universitário e não estar trabalhando na área?**

Te dá uma decepção, mas também erguer a cabeça, dar a volta por cima, por que vais ter que ter um tempo que isto vai mudar. Por exemplo, ontem já tive uma boa conversa aonde existe uma possibilidade dentro da área que eu gostar de eu gerenciar o laboratório de um colégio, então simplesmente o meu salário, vamos dizer triplicará ficará compatível com o que eu ganhava, quando realmente era engenheiro né. Então a minha habilitação, existe uma tendência de mudar tudo. O que eu acho, acho que é cíclico, eu acho que é o momento da vida que tá me ensinando. Tu já pensou se tudo fosse uma mil maravilha, tudo bom, tu se formasse, ganhasse um dinheirão, ficasse num nível social como se tinha e não passasse por isso. Meu Deus, você não aprenderia nada. Eu agradeço por tudo que eu estou passando, as dificuldades que eu passei e estou passando ainda, mas estou me reerguendo. É maravilhoso, isso. É muito, muito bom. Nossa se você não tivesse isso isso você não cresceria, você não pararia, nem modificaria seus valores



né, você ficaria sempre naquela ilusão, naquela, naquele nível de vida que você tinha. Eu acho isso né.

Apesar de toda dificuldade eu só tenho a agradecer, por que a dificuldade te troca os valores e te ensina a não errar , ou te ensino nos momentos de erro o que vais te acontecer. Por que eu errei né. Eu errei. O erro foi ter as precipitações, os impulsos por talvez como eu estava na área restrita, uma área de tecnologia um pouquinho restrita, no raio X. Nossa eu pensava que eu era o bom da boca né. Não só os teus contatos eram só com pessoas da Holanda, pessoas da Argentina, Estados Unidos , Espanha, Itália, então isso te dava uma ilusão. Você pensava que estava toda vida por cima. E achava assim, que eu vou sair daqui e depois eu volto, e depois vai estar tudo bem pra mim, é só eu fazer assim (estalou os dedos). Não, ninguém é insubstituível, isso nossa, hoje eu sou mais coerente, hoje nos momentos de tomar decisões, eu sou mais cauteloso, eu consigo discernir de uma maneira mais lógica as decisões que você tem de tomar, então eu acho válido. Pessoas que passam um mês de dificuldade aprendem. Pessoas que passam um ano, tem pessoas que passam a vida toda.

**Uma maior escolarização oportuniza mais empregos? O mestrado por exemplo que você deixou de fazer?**

O mestrado foi, aí foi uma tendência de dificuldade. Eu morava em Criciúma e tinha de fazer o mestrado em Florianópolis. Pra se deslocar tinha um gasto, a própria estadia existia um gasto, então não foi assim eu querer, mas eu ter né, assim eu vou querer parar. Não, não dá, eu tive que parar o mestrado, né é diferente. Nunca tive aquela expectativa. Vou fazer o mestrado por que eu vou almejar uma posição maior. Eu acho que faria o mestrado para Ter aquele conhecimento que ainda não obtive. Tanto pé que não penso em não fazer mestrado. Agora que existe assim, que os caminhos estão se definindo, que as portas estão novamente começando a abrir, foi comentado novamente em mestrado, claro que eu faço, doutorado, faço doutorado. Quando eu estava fazendo mestrado o próprio orientador indicou que a gente deveria continuar o doutorado. Talvez seja um pouco de falta de opção talvez seja até um erro, no sistema que vivemos que nossa vida é o capitalismo, você ambicionar, ter um estudo para ter

um nível, um ganho de capital, que faça você ser reconhecido pela sociedade, ou por aquele grupo ou aquele sistema, ou por aquele meio que você está vivendo

### **Qual o significado que você dá para o trabalho?**

O trabalho é parte, é uma parte da vida. Se você não trabalhar, você ... uma das coisa, realmente, se você não trabalhar, você cria dentro de você um sentimento de inutilidade. Se você não trabalhar, você cria um inferno interior no seu subconsciente, na sua , você degrada, a sua auto-estima, você se degenera por fruto próprio. Agora, por mais simples que seja o trabalho, mas realmente o trabalho dignifica. Não busque a felicidade, faça a felicidade com aquilo que você tem. Trabalho pra mim acho que é isso.

### **Você se mantém com o trabalho que você tem hoje?**

(Risos) É bem isso, é manter mesmo. Eu sou sozinho. Eu tinha um nível muito bom. Tinha carro, todo equipado, computador de bordo, aquelas coisas todas né, que se não fosse talvez essa fase eu não trocava o (...) Hoje eu estou com um carro popular, um carrinho simples, não chove dentro, me leva aonde eu quero, é econômico e pronto. Você troca os valores. Então é maravilhoso você passar por essas coisas. Por que você cresce, você se encontra, você se descobre, você começa a entender a vida.

### **Como está se sentindo ao viver a experiência do desemprego?**

Vários momento ruins, vários, muito ruins, de várias formas, vários pensamentos, várias, debilitações de auto-estima. Que difícil voltar. Por que as chagas feitas elas te marcam e te ensinam a não ter mais aquela dor e aquele sofrimento. As chagas feitas por você mesmo. Existe a teoria de Murphi – tudo que tem de dar errado, vai dar errado, o que tem de dar certo, vai dar certo. Tem pessoas assim, que tem probabilidades maiores sem esforço de conseguir, e tem pessoas que tem probabilidades menores e mesmo com o esforço, de não conseguir. Mas isso cada caso é um caso, cada maneira é uma maneira. Eu acredito que tudo que nós somos, nós seremos e nós fizemos é fruto de nós

mesmos. O que eu passei é fruto de mim mesmo, o que eu vou passar, vai ser fruto meu. Essa possibilidade que tenho de me botar, vamos dizer assim essa posição, vai ser, a vida está dizendo: - Olha queres voltar pra onde tu estava, volte. Tiveste aquele período de aprendizagem. Estamos te dando uma nova chance, vá. É uma coisa também relacionada à tecnologia, eu trabalhava com inorgânica e agora seria a questão orgânica. Sintetização de materiais orgânicos pra empresas de terceirização. Então é uma tecnologia, que não conheço, mas me dedicarei para o estudo. Se eu não tive o resultado que eu quero até agora, não é por causa de uma sociedade selvagem, uma vida ingrata, não posso dizer isso. O que eu acho é assim. Pra mim na minha opinião, um lixeiro tinha que ter curso superior, uma secretária tinha de ter um curso universitário, qualquer um tinha de ter um curso universitário, pelo simples fato de tu absorver aquele conhecimento, pelo simples fato de aquela questão que a faculdade te mudar a tua maneira de pensar, a tua maneira de viver. Ah, mas o sistema valoriza aqueles que tem mão de obra mais barata. É o sistema, estais num país com uma certa política, estais numa cidade aonde vamos dizer assim, a área química já está saturada, estais num meio onde não está sendo valorizado. E aí, o que tu vai fazer. Ah esse sistema não me agrada, não. Dê um tempo, vá vivendo, procure o seu caminho e de uma certa maneira vai se ajeitando, cedo ou tarde, vai se ajeitando. Por que, mas como, essa sociedade é tão mesquinha, por que paga para um operário e não paga para um engenheiro. Faça você o seu futuro. Calma, tenha paciência. Se você entrar em desespero você não consegue. Talvez eu não esteja certo, talvez eu esteja numa utopia, mas a vida vais me dizer: - Olha meu camarada tu estava numa utopia. Não sei... eu sofro menos. No começo você sofre, você pensa na inutilidade. Hoje eu não consigo ver como naquele momento. Hoje eu não consigo. Eu não estou bem, economicamente eu não estou bem. Mas vamos lá, eu vou conseguir. Eu vou conseguir, vamos adiante, se não for hoje vai ser amanhã, senão depois, e se não for, se não conseguir até quando tiver velhinho de muleta, tudo bem. Mas não vou sofrer tanto. Não saberia ter uma falsa esperança. Por que se tu define que tu constrói seu caminho, se você tenta criar um caminho de esperança e essa esperança não se realiza e você cair numa desilusão, é perigoso né. Mas se você cria um caminho de esperança, mas tentando se conscientizar de não cair numa decepção, ou se as decepções virem aos poucos e você absorvê-la, entendê-la e tocar adiante, levar adiante, tendo na mente a minha vida eu que faço, eu que construo. Como eu

construo o meu futuro? Pouco a pouco, atos a atos, os meus atos e minhas maneiras desse sábado farão meu futuro no Domingo. Eu vou pensar no hoje. Eu não sei se estou certo ou errado. Só sei que por enquanto é isso que a vida está me mostrando. Ficar reclamando que eu perdi dinheiro, que isso. Também eu fiz, estudei e a primeira coisa foi o próprio orgulho de ter a palavra engenheiro na frente do nome. Eu tive. Depois vieram as conseqüências que vieram boas e outras ruins. Mas se não fossem as coisas ruins, talvez a queda seria maior. Por que essa queda foi num período jovial. Ainda tenho forças pra me reerguer, levar adiante, limpar a poeira e vamos lá. Tu já imaginou se fosse lá com uns 40, 45 anos, meu Deus, tu já pensou.

Informante B, 25 anos, solteira, formada em Ciências Contábeis.

**Gostaria que você se identificasse e contasse sua história de vida, a partir do momento em que você começou a pensar numa profissão?**

Tenho vinte e cinco anos, estou formada a uma ano e sete meses. Vou começar minha história desde quando comecei a estudar. Quando eu me decidi por essa profissão eu estava na primeira série do segundo grau. Eu trabalhava com meu pai, ele tinha uma padaria. Eu tive contato com o mercado de trabalho, com as pessoas. Ele tinha um contador né, que tinha escritório de contabilidade como é hoje, e eu comecei a me interessar pela parte de escritório, pelos documentos e eu resolvi visitar o escritório, como era. E eu gostei. A partir daí eu decidi que ia fazer o curso Técnico em Contabilidade. Bom daí eu procurei uma escola, a Escola Técnica Protázio Alves, em Porto Alegre, era uma escola conceituada na cidade e lá a gente prestava um vestibular, era uma prova para começar o curso. Eu iniciei, fiz o primeiro ano e então meu pai perdeu o direito de usar o prédio onde funcionava a padaria, pois era alugado e o proprietário faleceu e os filhos não queriam mais alugar e sim vender, mas como meu pai não tinha condições resolveu voltar pra terra natal, Criciúma. Eu vim prá cá e continuei o curso no CIS. Terminei o curso e comecei a trabalhar. Ele iniciou um mercadinho e eu trabalhava com ele. Eu resolvi que eu queria fazer faculdade, não queria parar por aí. Queria fazer ciências contábeis e ser contadora, e eu fui atrás de um emprego. O primeiro emprego que surgiu peguei, de recepcionista. Fiz o vestibular nesse período e até nem tinha condições de pagar a faculdade, meu pai ajudava um pouco. Fiquei oito meses como recepcionista, mas o que eu queria era ir para um escritório de contabilidade, que para mim seria uma segunda escola. Só que eu acho que foi até um erro, eu peguei num escritório, no setor pessoal, talvez não tenha sido..., acho que até isso ajudou. Eu comecei a trabalhar no setor pessoal, fiquei dois anos e quatro meses lá, só fazendo setor pessoal. Surgiu uma proposta, e eu tenho verdadeira paixão por contabilidade, surgiu uma proposta em uma construtora, ele disse oh, tu vem aqui, faz setor pessoal e depois a gente te encaixa na contabilidade. Tudo bem eu fui e ai aconteceu que isso não surgiu, e eu esperando né, afinal de contas eu pensei que só poderia esperar. Fazia quase um ano, e a moça do financeiro engravidou e ele não queria contratar ninguém, e pediu que eu fizesse o financeiro, setor pessoal

e financeiro. Eu fui. Naquela época eu estava na sétima fase, e estava com bastante trabalho de aula, era mais complexo, e esse setor exigia que ficasse depois da hora. Daí eu falei pra ele, acho que fiquei um mês, um mês e meio e estava no final do semestre:

\_Olha vai ficar difícil conciliar os dois setores sendo que estou no final do semestre da faculdade, e eu estou sentindo que vou me prejudicar.

Eu colocava a faculdade em primeiro lugar. Eu queria terminar o curso em cinco anos. Dali uns dois dias ele pensou no que eu falei e disse que eu ia fazer só setor pessoal. Passou alguns dias e eu não sei por que motivo, ele achou que isso da minha parte pra ele não era bom, daí ele me demitiu. Demitiu, daí fiquei, tinha direito a seguro desemprego, e depois de três meses eu consegui outro emprego novamente no setor pessoal, mas sempre com aquela vontade de ir pra área contábil. Eu continuei enviando currículos, mas não tinha condições de entregar muitos. Nunca surgiu nada. Eu me formei, me formei e durante a monografia, nesse emprego que eu estava, no setor pessoal, eles foram muito legais. Em todos os empregos que tive sempre todos eram legais comigo, só na construtora que eu não entendi a atitude do dono. Então eu falei com meu chefe: - Será que não tem condições de tu me botar no setor contábil, nem que seja pra ajudar? Por que tinha uma pessoa a dez anos lá que fazia o setor de contabilidade. Ele respondeu: \_ Olha eu acho difícil. Me formei, e tinha uma colega que dizia que eu tinha de falar pro meu chefe que eu vou bem na faculdade, eu ganhei placa de melhor aluna e ela me incentivou a contar pra ele. Eu não contei, mas ela falou. Daí eu pensei, quem sabe agora ele me coloca na contabilidade. Não teve jeito. Aí eu recebi outra proposta, de início setor pessoal, depois contábil. Cheguei lá, uma decepção. Era uma empresa pequena, e aí eu senti o que acontecia, o que acontece com uma pessoa que recém se forma, por que a experiência universitária não te ajuda a resolver os problemas práticos, pois a faculdade ajuda muito no conhecimento, mas tu trabalha com problema zero. Vamos dizer assim, você tem uma contabilidade tá tudo bem tudo funcionando ok. Só que isso não acontece nas empresas hoje. Existe uma gama de problemas, que você tem de contatar várias pessoas, você tem que buscar as vezes até informações que não tem.\_É muito de vivência mesmo. Então, bom, mas eu vou continuar tentando, eu fiquei uns três meses, então parei e conversei:

\_Vocês querem realmente organizar a contabilidade aqui dentro? O serviço era terceirizado. Era empresa pequena, tinha uma sócia e seis funcionárias. Elas falaram:

\_Na verdade nós chegamos a conclusão que vai levar mais um ano para fazer isso.

\_Se vocês realmente não estão afim de investir eu sinceramente vou tentar diretamente com a contabilidade, eu não quero perder tempo, eu entrei aqui para ajudar vocês, mas vocês não estão querendo me ajudar, então não tem como a gente continuar. Por que eu acabei me sentindo prejudicada por causa disso.

Eu ia empatar mais um ano de minha vida. Eu dei aviso, ensinei outra pessoa, eu fazia financeiro, pessoal, fazia tudo, menos contabilidade que era o que eu queria. Eu recebi uma proposta de um hospital, eu já havia trabalhado lá e o diretor financeiro me chamou. A proposta dele foi de eu fazer uma tentativa de começar como contadora, mesmo sem experiência para ver como eu me sairia, até eu ganhava salário de auxiliar, e era uma contabilidade com problemas. Eu comecei, a gente começou a botar em dia, já estava quase tudo em dia só que eles tinham problemas de informática, que estava desatualizada e causava erros de saldo, contábeis e isso eu só poderia resolver se alguém que entendesse de informática me ajudasse, por que concertar o saldo é fácil, contabilmente, agora fazer com que ele se transforme em saldo correto, tem que ser a nível de informática. Eu continuei e disse que a gente poderia chamar a pessoa que instalou o programa e colocar para ele esse problema, pois não tem como a gente resolver por aqui, só que domina o programa é que pode ajudar. Chamamos o profissional e continuamos o trabalho. Passou um mês, dois, três meses, e nesse período de três meses, falar nisso até me incomoda um pouco né, eu recebi uma outra proposta para trabalhar como contadora, acho que a questão da placa ajudava, pois eu recebia outras propostas para trabalhar. Essa era uma empresa de duas mulheres, e mulher valoriza mais, elas me pediram para sair do emprego que eu estava em experiência, para trabalhar com elas. Elas disseram que gostaram muito de mim. Eu havia feito uma entrevista anteriormente. Eu fiquei balançada, pois o financeiro do hospital apostou em mim, fez uma proposta. Aí eu decidi ficar no hospital. Vou manter a minha palavra. No final do terceiro mês, eu tinha auxiliares, pessoas com muitos anos de firma, principalmente duas das três pessoas, uma era um senhor com mais de cinqüenta anos, que tinha só o curso técnico, a outra era uma moça da

minha idade formada em jornalismo, não trabalhava na área que formou, e uma outra, aquela eu tinha um pouco mais de receptividade, a nível de tu faz assim, ela aceitava mais o que eu falava. Os outros não, o que eu tentava colocar era como se eu tivesse errada, como se eu tivesse criticando entende. Chegou os três meses e o financeiro me disse, eu até achei errado por parte dele, por que ele não me disse antes. Ele disse que esses dois funcionários estavam reclamando, que eu era muito nova, inexperiente, uma menininha. Principalmente esse senhor, ele se sentiu muito incomodado pelo fato de eu dizer, o senhor não pode fazer assim, tem de fazer assim. Eu recebia menos que eles, mas a responsabilidade civil da contabilidade estava sobre mim. Eu que assinava, que respondia pelo que fazia e pelo que os outros faziam. Ele disse que estavam reclamando quanto a isso. As pessoas não perguntavam nada, eu me oferecia para resolver os problemas e as pessoas diziam que tinha de falar com outro, e eu dizia que eu poderia responder por isso, mas eles ficavam jogando um pro outro. Acabou o contrato, eles me demitiram e de lá pra cá, eu estou desempregada, desde julho de 2000. Dessa data em diante eu pensei, vou começar como auxiliar, ou então começar como contadora de uma empresa que realmente queira ter uma contabilidade, pegar o serviço do começo ao fim e fazer sozinha, sem uma pessoa de dez anos que vai querer de repente, ser chefe.

### **Quais as expectativas durante o curso com relação ao futuro emprego?**

Minha formação universitário foi boa, o curso é bom. Tem falhas. Eu escrevi até no relatório para meu orientador, o que eu achava que tinha de melhorar, o que estava ruim, precisamos de um laboratório, de trabalhar em cima de problemas, para que você tenha argumento para convencer as pessoas de como deve ser feito, falta sentimento de equipe, e isso poderia ser trabalhado no laboratório. Eu sempre aprendi que devemos colaborar com os outros. Isso eu aprendi em casa. Desde quando eu era recepcionista, eu tinha essa característica, eu ajudava todo mundo. Se você está numa empresa e faz tudo, se você ajudar alguém você vai aprender o que ele faz, e se um dia ele faltar, você pode colaborar com a empresa.

### **Sentimentos vividos com o fenômeno do desemprego:**

Eu converso sobre minha situação direto, a gente tem de desabafar, eu sinto assim (choro) realmente eu sinto, realmente ...como eu te disse eu quero começar



como auxiliar, aprender tudo. Problema? O maior que for, eu quero resolver, eu quero aprender o máximo que eu puder, dois, três anos, na medida que eu for aprendendo, tendo segurança, ir assumindo outros trabalhos até conseguir persuadir as pessoas a respeito de minha capacidade. Eu sou a contadora, estou dizendo que tem de ser assim. As pessoas mais velhas e experientes gostariam de estar onde você está. Essa é uma coisa que eu percebo. Eu até aumentei meu tom de voz, por que isso também me atrapalha, o tom de voz, faz com que as pessoas te respeitem mais. O diploma universitário também.

### **A relação entre ter feito um curso universitário e estar desempregada:**

Eu acho que a visão, apesar de que termos o desemprego, de não ter vaga, a imagem, o respeito das pessoas, apesar de ser inexperiente e jovem, é muito maior a possibilidade, quando você tem curso superior. Tem pessoas que tem dez anos de experiência na área contábil, meu namorado por exemplo, e nesses dez anos ele nunca recebeu uma proposta para assumir uma contabilidade. Eu tinha recém me formada e recebi proposta de trabalho. Com certeza se eu não tivesse um curso universitário estaria em pior situação, por que assim, essa questão do emprego, quando você tem curso universitário os empregadores sabem que você não abre mão de ser profissional da sua área, quando a pessoa tem só o segundo grau, eles acham que a pessoa pode trabalhar em qualquer área, afinal ela só tem o segundo grau. Hoje eu penso que está mais difícil de eu conseguir um trabalho, pois as empresas estão oportunizando estágios aos alunos que estão terminado a faculdade e eles estão ficando com a vaga. Hoje eu não estou mais vinculada a uma universidade e por isso está mais difícil de encontrar um trabalho como auxiliar. Estou em desvantagem. Na área de contabilidade é uma questão de oportunidade. Eu poderia explicar a situação de desemprego em pessoas com curso superior, dizendo que ela acontece, por que existem profissionais que não são da área e trabalham na área. Por exemplo, essa moça que era minha auxiliar, é formada em jornalismo, então ela nunca tentou ir pra área dela, então por que ela fez jornalismo? Eu acho que ela deveria fazer contabilidade. Eu a conheço desde antes de iniciar o curso superior e ela já trabalhava com contabilidade antes de iniciar o curso, então se ela realmente queria seguir o jornalismo, por que ela não foi seguir o jornalismo? E assim existem “n” pessoas. Então o que acontece, ah o

jornalismo, será que está sobrando profissional, ou será que está faltando? Se estiver faltando são essas pessoas, ou essa pessoa que tá noutra área. Então isso também prejudica, mas pode prejudicar também o fato de que as empresas tem tudo informatizado, sistema corporativo, então o que existe no setor de contabilidade é um contador que confere o que todo mundo de todas as áreas lança, quer dizer, todos os funcionários da empresa são auxiliares de contabilidade também, então extinguiram a função auxiliar de contabilidade, claro que são poucas as empresas, mas isso já restringe o campo de atuação.

### **Como está se sentindo ao vivenciar o fenômeno do desemprego?**

No início da faculdade, aquela coisa assim, quando a gente começa a gente projeta muito. Eu projetava ser uma contadora que ajudava a empresa, que era importante pra empresa, em ter meu escritório, e de eu sentir isso, por que isso é extremamente gratificante. Hoje eu também tenho esse sentimento. É extremamente gratificante que o teu trabalho está ajudando a empresa a crescer mais, a melhorar, então essa era a visão que eu tinha, que o contador ajudava a empresa, era um dos colaboradores da gerência. Era e é essa a idéia que eu tenho. Ele é o salvador da pátria. No início em queria trabalhar em empresas, hoje eu penso diferente, eu quero trabalhar não importa de num escritório, ou numa empresa. Acho que a empresa tem algumas vantagens, mas...hoje eu estou ligando para as empresas, deixo meu currículo. Entro em contato depois, pois a gente leva o currículo e as pessoas guardam na gaveta e esquecem, então eu ligo assim, para falar com o Recursos Humanos, pra que a pessoa lembre, quem não é visto, não é lembrado. Então eu ligo, falei com alguns professores. No momento é isso que eu tenho feito. Eu ligo primeiro, faço o controle dos currículos que levei, e vou atras mesmo. Quando eu entrei naquela empresa que eu queria implantar a contabilidade, tínhamos muitos problemas e eu queria erradicar um a um. Ir por partes, se o principal problema é o programa, resolve-se isso, depois o próximo, é assim que eu penso a profissão. Hoje eu quero trabalhar numa contabilidade, meu objetivo hoje é esse. De repente se eu entrar numa empresa aí eu vou começar no setor de contabilidade que é o que eu realmente gosto, de repente surge uma coisa assim, ah Luciane você domina tal situação, vai continuar fazendo a contabilidade, mas vai ajudar lá, entende. Claro que também , não adianta, só por que sou

contadora, só vou fazer contabilidade, não é assim, é como se fosse assim, o mínimo do sonho, você vai realizar um pedaço, e de repente ...eu acho que o trabalho é o mais importante pra uma pessoa, tipo assim, por que o que acontece, praticamente todas as pessoas passam a maior parte do tempo no trabalho, então esse trabalho tem de ser agradável, tem que ser o que a pessoa realmente sonhou, por que pode ver, se pega uma pessoa, eu não queria entrar nessa área, mas se ela entrar e passar a gostar dessa área, amar essa área ela vai desenvolver isso com muito mais eficiência. O funcionário que não gosta do que faz, não é eficiente. Eu percebo que as pessoas que trabalham fora de sua área, na contabilidade onde trabalhei por exemplo, fazem por que é rotina deles, mas na verdade eles não tinham amor por aquilo ali. Eu senti sim só a realização de um trabalho. Por isso que eu acho que as equipes não funcionam, por que as pessoas não gostam do que fazem. Tem de gostar do que se faz. As vezes passa de tudo por minha cabeça, quando me dou conta do que estou vivendo. Primeiro assim por que você se depara diante de situações. Situação de... Nós temos uma vaga, então você vem fazer um teste. Então você vai lá, faz o teste. Daí vem o resultado e a pessoa diz:

\_Não, mas nós preferimos um homem, você tirou a melhor nota, mas nós preferimos um homem.

Esse preconceito existe. Graças a Deus é em nível pequeno, mas isso só piora o sentimento da pessoa que está desempregada, né. Foram dois testes que eu fiz, melhor nota.

\_Mas a gente prefere um homem.

Isso desanima, mas eu não vou desistir, por que eu gosto do que faço. Não conseguir um trabalho, faz com que, assim oh, minha personalidade é mais sentimentalista. Quando vou atrás de um trabalho e não consigo, eu fico deprimida, um dia, dois, aí eu digo assim. No dia seguinte eu acordo e penso: Não, eu não posso fazer isso, por que assim, se eu não acreditar no que eu quero, se eu desistir, tipo assim, se eu ficar, dizendo ah, será que eu estou errada, será que tenho de sair da área, trabalhar em qualquer coisa. Aí eu comento em casa, será que não é melhor trabalhar em outra área mesmo, ah, mas eu estudei, eu investi, o contador tem um padrão de salário, então o que acontece, a gente espera que um dia alguém, pelo menos pague o mínimo da profissão né, pode até demorar, mas a gente tem um padrão, um projeto de vida, eu tenho um namorado a quatro anos, eu quero construir, ter meu próprio carro, eu quero voltar a estudar, eu gostaria de

fazer uma faculdade de direito, depois ou uma especialização na área, então pra isso a gente tem que ter salário. Se eu decidisse por trabalhar de secretária, então vou trabalhar como secretária, mas eu não vou estar contente, não adianta, eu vou estar enganando a mim mesma. Na semana passada eu recebi uma proposta pra administrativo, pensei, ele me ofereceu R\$ 700,00, daí eu disse pra ele:

\_ Eu vou te ser bem sincera, meu objetivo hoje é entrar pra área contábil, não vou desistir enquanto não conseguir.

Falei assim pra ele né, ele ficou meio assim, ficou surpreso, eu chegar pra ele e dizer que eu não queria a vaga. As pessoas até ficam surpresas de tu dizer que está negando um emprego, pô tu tá desempregada. Mas eu não quero um emprego, só um emprego, eu quero uma colocação profissional, isso eu falo em casa, se fosse um emprego eu já estava empregada. Eu já recebi várias propostas pra voltar pro setor pessoal, estou ficando até meio rotulada né, ah a guria que faz setor pessoal, entende tudo de setor pessoal, até os próprios colegas assim, dizem que ah a Luciana entende tudo de setor pessoal. É bom, é bom, no início quando eu tentava entrar na área da contabilidade, e diziam, há, mas você só tem experiência no setor pessoal, eu ficava enraivecida com isso, pô só por que eu fiz setor pessoal todo esse tempo eu sou obrigada a fazer setor pessoal até morrer? Por que? Eu ficava indignada, ficava triste, pensava em pegar minha carteira e rasgar, não vou mais botar no currículo. Aí meu namorado dizia:

\_Vai ser pior ainda, por que você não vai ter experiência nenhuma, daí vão dizer, tu é uma filhinha de papai que não quis trabalhar até hoje? E é assim (pausa) na medida que vai passando o tempo, eu vou encontrando força não sei de onde.